

Criação e Queda

A doutrina da salvação

Prefácio de Francisco Solano Portela

Misael Batista do Nascimento e Ivonete Silva Porto

Criação e Queda

A doutrina da salvação

Prefácio de Francisco Solano Portela

Misael Batista do Nascimento e Ivonete Silva Porto

A doutrina da salvação: criação e queda, de Misael Batista do Nascimento e Ivonete Silva Porto © 2023. Este conteúdo pode ser compartilhado — copiado e distribuído em qualquer suporte ou formato — e adaptado, nos termos da licença Creative Commons BY-NC-SA 4.0, ou seja, você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Além disso, você não pode usar o material para fins comerciais e tem de distribuir as suas contribuições sob a mesma licença que o original.

Cf. licença em: https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt_BR.
3ª edição 2023.

Edição, projeto gráfico, capa, ilustrações e conversão para e-Book

Misael Batista do Nascimento

Imagem de capa disponível em: <https://pxhere.com/pt/photo/982378>.

Livre de copyrights sob Creative Commons CC0.

Disponível para download em:

<https://www.misaelbn.com/livros/>

<https://www.ipbriopreto.org.br/courses/criacao-e-queda/>

Dados para contato

Fone: 55-017-99717-1882 | E-mail: misaelbn@me.com

NASCIMENTO, Misael Batista do; PORTO, Ivonete Silva.

A doutrina da salvação: criação e queda / Misael Batista do Nascimento e Ivonete Silva Porto. – São José do Rio Preto: Editor Misael Batista do Nascimento, 2023.

1. Religião
2. Gênero humano — criação; tentação; liberdade; pecado
3. Doutrina da salvação (soteriologia) — teologia do pacto; os cinco pontos do Calvinismo ou TULIP

I. Título

Dedicamos estes estudos a Deus, supremo benfeitor,
que nos criou para sua glória no desfrute da
comunhão e obediência de sua aliança.

Sumário

Lista de abreviaturas	vii
Prefácio	1
Introdução	3
1ª Parte: Ligados a Deus pelo pacto da criação	7
1. Deus é o Criador	9
2. A origem do descanso, do trabalho e da família	12
3. Deus estabelece alianças	16
4. O homem, imagem e semelhança de Deus	19
5. O mandato espiritual ou da comunhão	22
6. Os mandatos cultural e social	26
7. A responsabilidade especial de Adão	29
2ª Parte: A depravação do homem e o pacto da redenção	33
8. A desobediência de Adão	35
9. Nossa depravação	39
10. A luta espiritual e o pacto da redenção	45
11. O pacto da criação não foi anulado	49
12. Por que Deus permitiu a Queda	54
13 Para lembrar da Criação e Queda	61
Referências bibliográficas	65

Lista de abreviaturas

ARA

Bíblia Sagrada, Tradução de Almeida, revista e atualizada.

A21

Bíblia Sagrada, Tradução de Almeida, século 21.

ARC

Bíblia Sagrada, Tradução de Almeida, revista e corrigida.

BCW

Breve Catecismo ou Catecismo Menor de Westminster.

BEG¹

Bíblia de Estudo de Genebra. Primeira edição de 1999.

BEG²

Bíblia de Estudo de Genebra. Segunda edição de 2009.

BEHR

Bíblia de Estudo Herança Reformada.

BJ

Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada.

CB

Confissão Belga.

CDT

Os Cânones de Dort.

Cf.

Confira em.

CFW

Confissão de Fé de Westminster.

CH

Catecismo de Heidelberg.

CMW

Catecismo Maior de Westminster.

E.g.

Do latim *exempli gratia*, por exemplo.

ESV

Bíblia Sagrada, English Standard Version.

KJA

Bíblia Sagrada, Tradução King James atualizada.

Mandato

Preceito ou ordem de superior para inferior. Uma ordem ou incumbência divina que deve ser seguida, obedecida e realizada pelo homem.

NAA

Bíblia Sagrada, Tradução de Almeida, nova Almeida atualizada.

NTLH

Bíblia Sagrada, Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

NVI

Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional.

Prefácio

Conheço há anos os autores deste livro. O Rev. Misael, pastor dedicado de ministérios longos nos locais onde Deus o colocou, além de inúmeras habilidades técnicas e artísticas, que por si já o colocariam em destaque, tem um interesse todo especial pela educação. Essa característica foi demonstrada de forma abrangente, na gestação e administração de uma escola cristã de educação básica, ligada à igreja que pastoreava, e, mais especificamente, na educação religiosa do povo de Deus. Acompanhei também sua incansável jornada galgando etapas acadêmicas, com vistas à excelência de ensino no seu ministério. Acima da formação teológica e dos cursos de especialização, completou um bem-sucedido doutorado com titulação conjunta binacional, do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e do Reformed Theological Seminary. Agrega ao texto de fácil assimilação, lucidez de análise e lógica na apresentação. Mas a sua melhor característica é a fidelidade de exposição ao texto sagrado das Escrituras. Seu ministério e escritos têm sido marcados pela Bíblia, como sua fonte primária, alicerce estrutural e roteiro básico de instrução.

A Ivonete eu conheço desde antes de ancorar, com seu abençoado casamento, em porto seguro, quando o sobrenome era ainda apenas Silva. Ovelha do Rev. Misael, dedicou-se à administração escolar cristã, na cidade do Gama por vários anos. Estudiosa perene, soube analisar a pedagogia ensinada em nossa terra e fazer a triagem dos elementos nocivos à formação das nossas crianças, aplicando de forma bem-sucedida os princípios de uma verdadeira educação escolar cristã na instituição na qual exercitava a supervisão pedagógica. Em paralelo, dedicava-se às atividades da igreja local, contribuindo para a estruturação do ensino e do crescimento espiritual do corpo de Cristo. Ivonete ampliou a sua formação acadêmica, prosseguiu além da graduação pedagógica e teológica, para uma especialização em Teologia Filosófica, no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

Dá-me, portanto, muita satisfação prefaciá-lo o trabalho resultante da junção dessas duas estrelas. Temos aqui um projeto de grande contribuição à formação do povo de Deus, sendo que a ordem é aquela seguida pela própria Palavra de Deus. O criador achou pertinente e didático que compreendêssemos quem ele é; quem nós somos; qual o nosso estado; por que precisamos da salvação; e qual o nosso destino e finalidade nesta terra, iniciando a Bíblia com a história da criação.

Este primeiro volume da série *a doutrina da salvação*, trata exatamente dos dois primeiros capítulos do livro de Gênesis, e como eles são fundamentais! Hoje em dia, poderíamos dizer que muitas teologias se sustentam, ou se auto-destroem pela forma como compreendem e expõem esses relatos iniciais da

criação de Deus. Aqui está o teste: verificar se nos rendemos às interpretações pseudocientíficas que rejeitam a história bíblica do Universo, mas que se revelam, também, como uma questão de fé; ou se exercitamos a crença na infalibilidade e historicidade do inspirado relato bíblico sobre a criação dos céus e da terra e de nossos primeiros pais — sendo Deus, e não o acaso, o repositório de nossa fé. Por isso, julgamos feliz que este primeiro volume trata exatamente do que nos diz a Bíblia sobre a criação.

Mas só somos capazes de entender a nossa atual situação, o estágio terrível no qual se encontra a humanidade, se compreendermos e aceitarmos o relato da Palavra de Deus sobre a desobediência daqueles que, criados em amor, se rebelaram contra as determinações do Deus todo-poderoso. Na sequência, este volume analisa e ensina os fatos relacionados com o primeiro pecado, com a Queda, e com as consequências desta na história da humanidade e nas nossas vidas. Aqui temos a razão da perdição da raça humana; da origem e razão para a violência; do motivo para a necessidade inexorável da salvação.

Somente um tratamento como o que encontramos neste projeto e neste primeiro volume, que considera tanto o relato, como sendo inspirado e veraz, como o estilo literário de uma história sequencial, ainda que com nuances poéticas, pode fornecer o alicerce para toda a instrução que se seguirá. Se vamos aprender sobre os atos de Deus; sua interatividade com a criação e com as suas criaturas; sobre o ponto alto da História — o advento de Cristo Jesus, o redentor, Deus conosco; sobre as maravilhosas boas-novas da salvação; temos que construir em cima de fundamentos seguros. Foi assim com o apóstolo Paulo. Atenue, dilua, ou destrua os primeiros capítulos de Gênesis e você aniquilará também a cristologia de Paulo (Rm 5.14; 1Co 15.22,45; 1Tm 2.13-14). Para ele, a historicidade dos nossos primeiros pais não estava em questão e ele entrelaça o Cristo histórico no relato da criação e como a única solução à Queda. Desconsidere a Queda, em todos os seus ricos detalhes, e você retirará o sentido de qualquer necessidade da vinda do Messias. Uma boa compreensão, portanto, da criação e Queda, firmará o nosso entendimento sobre a nossa pecaminosidade (a depravação total da natureza humana) e sobre o plano eterno de redenção, arquitetado pelo soberano Deus.

Que Deus abençoe os autores e os fortaleça para que completem seus planos na concretização de todos os volumes dessa pertinente instrução sobre a Palavra de Deus.

Presb. Francisco Solano Portela Neto, Th.M.

Introdução

O Senhor Jesus Cristo pregou uma mensagem simples e direta: “Chegou a hora, e o reino de Deus está perto. Arrependam-se dos seus pecados e creiam no evangelho” (Mc 1.15 — NTLH).

Mas, afinal de contas, o que é o evangelho? Nos dias atuais, ouvimos discursos religiosos muito diferentes do ensino da Bíblia. Para sermos verdadeiros seguidores de Jesus temos de saber quem é ele, o que ele faz e como usufruir de sua comunhão e bênçãos.

Criação e Queda

Estudaremos as doutrinas da criação e Queda. Na criação, Deus estabelece pactos com o homem, logo depois de formar o Universo por sua palavra, “de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem” (Hb 11.3). Na Queda o homem desobedece a Deus, deflagrando um processo degenerativo que culmina em morte (Gn 2.16-17).

Tais doutrinas são importantes para a compreensão do evangelho de Jesus Cristo. Sem elas o ser humano não tem como saber sua origem, seu lugar neste mundo ou seu destino.

Doutrinas impopulares

Estes ensinamentos são atacados. O homem contemporâneo rejeita a ideia de um Deus criador onipotente e pessoal. Ao negar que aconteceu uma Queda e que existe um problema não apenas individual, mas cósmico, denominado pecado, o homem abraça concepções e proposições equivocadas, que o desviam da trilha do conhecimento verdadeiro de Deus.

Igrejas que não compreendem adequadamente a doutrina da Queda correm risco de articular o ensino sobre a salvação propondo que o homem é capaz de colaborar com sua própria redenção. O discipulado bíblico é caracterizado por uma convicção dupla, de que Deus nos criou e de que nós somos pecadores. O evangelho é uma notícia alegre — o anúncio de Deus resolvendo as coisas para que seres humanos pecadores possam ter comunhão com ele, por meio de Jesus Cristo.

Um resumo e explicação da doutrina da salvação

Estes estudos são baseados em uma formulação doutrinária produzida em uma reunião realizada no século 17, na cidade de Dort (Dordrecht, Holanda). Alguns cristãos escreveram um documento sobre o evangelho intitulado *Os cânones de*

Dort — um material fiel à Bíblia e, ao mesmo tempo, compreensível, fácil de memorizar e explicar. O evangelho foi resumido em cinco declarações:

1. Deus criou tudo perfeito, mas o homem decaiu voluntariamente de seu estado original — *total depravação*.
2. Dentre a massa de pecadores e por graça pura, Deus escolheu alguns para serem salvos — *uma escolha incondicional*.
3. Cristo morreu pelos eleitos — *limitada expiação* (ou expiação definida).
4. Quando o evangelho é ensinado ou pregado, os eleitos são chamados pelo Espírito Santo — *irresistível chamado*.
5. Os eleitos são santificados, preservados e glorificados — *perseverança dos santos*.

Para fixar a doutrina, aqueles irmãos criaram um acróstico com a palavra tulipa (*tulip*, em inglês, uma flor apreciada pelos holandeses). O acróstico TULIP sintetiza as principais declarações da doutrina:

Total depravação.
Uma escolha incondicional.
Limitada expiação.
Irresistível chamado.
Perseverança dos santos.

Em cada etapa da salvação, Deus é quem toma a iniciativa de salvar, enquanto nós somos os beneficiários de sua obra poderosa e eficaz. Ao organizar o ensino desse modo, os irmãos de Dordrecht responderam a um erro de doutrina que ganhava espaço, uma tentativa de estabelecer o homem como centro do processo de salvação. Hoje, muito do que se proclama como “mensagem de salvação” possui uma ênfase semelhante. O Cristianismo sofre nova ameaça de corrupção de sua mensagem central.

Sobre a composição da obra e seus autores

Esta é uma obra feita a quatro mãos. O Rev. Misael projetou o curso, organizou a pesquisa bíblica e referências bibliográficas, escreveu os capítulos, conclusões e algumas introduções. A educadora cristã Ivonete Silva Porto revisou e enriqueceu os conteúdos. Além disso, ela produziu a maior parte das introduções.

O Rev. Misael Nascimento é pastor presbiteriano, graduado pela Faculdade Teológica Batista de Brasília e Universidade Presbiteriana Mackenzie. Possui especialização em Teologia Prática pela Faculdade Teológica Batista de Brasília e é Doutor em Ministério pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, em parceria com o Reformed Theological Seminary. É Mestre em Educação, Arte e História da Cultura, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Trabalhou como evangelista por sete anos, na implantação da Igreja Presbiteriana de Valparaíso de Goiás. Pastoreou a Igreja Presbiteriana Central do Gama, no Distrito Federal, de 1997 até 2009 e desde 2010 é pastor da Igreja Presbiteriana de São José do Rio Preto (IPB Rio Preto). É casado com Mirian, pai de Ana

Carolina e Bruna, sogro do Ricardo, avô da Eva e amigão do Bento e da Jujuba (um yorkshire e uma shih-tzu simpáticos).

Ivonete Silva Porto é educadora cristã, graduada em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Brasília e em Pedagogia pelo Grupo Fortium. É especialista em Teologia Filosófica pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. É casada com o Rev. Allen Porto e mãe do Matias e da Lúcia.

Agradecimentos e propósito final

Os autores agradecem o apoio e compreensão de seus cônjuges e familiares. Também oram para que o Espírito Santo conduza e abençoe você nestes estudos, caro leitor. Tudo foi escrito para a honra do Deus Triúno.

Os autores.

1ª Parte:
Ligados a Deus
pelo pacto da criação

1. Deus é o Criador

Você já deve ter ouvido falar em direitos autorais. Direito autoral é o reconhecimento legal de propriedade intelectual. O princípio por detrás desta lei é simples: um autor detém controle do uso de sua obra. De modo semelhante, Deus, que é autor do Universo, possui direito sobre sua criação.

1.1. Deus criou o Universo

A Bíblia ensina que Deus criou todas as coisas visíveis e invisíveis. Sendo assim, ele determina quem nós somos, qual é a nossa finalidade e como funcionamos.

Leia todo o relato da criação (Gn 1.1—2.25). Se você estiver utilizando este estudo em um grupo ou classe, permita que cada integrante leia um versículo, até o final. Observe que o Universo segue um plano e possui uma ordem.¹

Nem todos acreditam no ensino da Bíblia sobre a criação. Há que sugira que os primeiros capítulos do Gênesis não são verdadeiros como história, nem válidos como ciência. A doutrina bíblica da criação tem sido negada desde a publicação do livro *A origem das espécies* (1859), de Charles Darwin.² Na referida obra, sugere-se que todos os seres vivos evoluíram de acordo com um mecanismo denominado seleção natural. Como este ponto de vista é tido como certo na maioria das instituições de ensino, um cristão pode considerar virtualmente impossível assumir o ensino da Bíblia no ambiente acadêmico ou de pesquisa.

Nem todos os acadêmicos abraçam o evolucionismo. Há pesquisadores que relatam evidências de um desenho inteligente do cosmos.³ Parte do que é relatado como “fato”, por evolucionistas materialistas, é desacreditado pela própria comunidade científica.⁴ Alguns que aceitam a teoria da evolução, consideram que Deus iniciou e coordena o processo evolutivo.⁵

1 VAN GRONINGEN, Gerard. *Criação e consumação*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, v. 1, p. 50-51.

2 DARWIN, Charles. *Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural ou A preservação de raças favorecidas na luta pela vida*. São Paulo: Edipro, 2019. Edição do Kindle.

3 Argumentos em favor do desenho inteligente podem ser conferidos em JOHNSON, Phillip Johnson. *Darwin no banco dos réus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008; LENOX, John C. *Porque a ciência não consegue enterrar Deus*. São Paulo: Mundo Cristão; Editora Mackenzie, 2011; EBERLIN, Marcos. *Fomos planejados: A maior descoberta científica de todos os tempos*. 4ª ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2018.

4 BEHE, Michael J. *A caixa preta de Darwin: O desafio da bioquímica à teoria da evolução*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2019; COLLINS, Francis. *A linguagem de Deus: Um cientista apresenta evidências de que ele existe*. São Paulo: Editora Gente, 2007; MORELAND, J. P. ; MEYER, Stephen; SHAW, Christopher; GRUDEM, Wayne. (Org.). *Evolução teísta: Uma crítica científica, filosófica e teológica*. São Paulo: Vida Nova, 2022.

5 Entre os que se identificam como cristãos evangélicos e creem que Deus iniciou e coordena o processo evolutivo, cf. LEWIS, C. S. *O problema da dor*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, posição 1066 de 2444. Edição do Kindle.

Cada vez mais, cristãos concluem que não é possível seguir Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, negar a doutrina da criação. A relação entre fé e ciência é não apenas plausível, mas necessária. O homem pode desenvolver ciência em razão de habitar em um cosmos que possui origem pessoal e inteligente, e por ter recebido de Deus criador um mandato cultural.⁶

Eis o que diz a Palavra de Deus:

No princípio **criou** Deus os céus e a terra (Gn 1.1).

Assim diz o Senhor, que criou os céus e os estendeu, **formou** a terra e a tudo quanto produz; que **dá fôlego de vida** ao seu povo que nela está e o espírito aos que andam nela (Is 42.5).

Pela fé, entendemos que **foi o universo formado pela palavra de Deus**, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem (Hb 11.3).

1.2. Criação, adoração e a ordem espiritual e moral

O alicerce da vida cristã encontra-se nos primeiros capítulos da Bíblia. Negá-los abre espaço para consequências devastadoras. Reconhecer Deus como criador é um importante fundamento para a adoração.

Porque **dele**, e por meio dele, e **para ele** são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém! (Rm 11.36).

Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque **todas as coisas tu criaste**, sim, por causa da tua vontade, vieram a existir e foram criadas (Ap 4.11).

Quando deixa de glorificar a Deus como criador, o homem inventa e cultua ídolos. O resultado disso é corrupção espiritual e moral. Observe como isso acontece:

A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é **manifesto** entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os **atributos** invisíveis de Deus, assim o seu eterno **poder**, como também a sua própria **divindade**, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das **coisas que foram criadas**. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, **não** o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e **mudaram** a glória do Deus incorrup-

6 Para uma visão cristã da relação entre fé e ciência; cf. PEARCEY, Nancy R.; THAXTON, Charles B. *A alma da ciência*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005; PEARCEY, Nancy. *Verdade absoluta: Libertando o cristianismo de seu cativo cultural*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006; COLLINS, Francis et all. *Verdadeiros cientistas, fé verdadeira*. Viçosa: Editora Ultimato 2016; PEARCEY, Nancy. *Em busca da verdade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

tível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.

Por isso, Deus entregou tais homens à **imundícia**, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!

Por causa disso, os entregou Deus a **paixões infames**; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro.

E, por haverem **desprezado** o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma **disposição mental reprovável**, para praticarem coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia.

Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem (Rm 1.18-32).

Ou reconhecemos a Deus como criador e lhe damos glória, ou adoramos a outros deuses e nos tornamos pervertidos em nossa crença e comportamento.

E DAÍ?

É comum fecharmos os olhos e imaginarmos como seria o mundo perfeito. De acordo com os primeiros capítulos de Gênesis, um mundo perfeito foi criado por alguém também perfeito. Por isso, ao contemplar a criação, podemos adorar a Deus, criador de todas as coisas.

2. A origem do descanso, do trabalho e da família

Arotina de Carlos e Marlene era agitada: acordar às 6h, enfrentar trânsito para levar e trazer os filhos para escolas, ir cada um para seu trabalho e, em dias diferentes, para a academia, supermercado e outras atividades. A família gostava de participar da escola dominical, seguida do almoço juntos. Após o almoço, era ótimo poder tirar a famosa “soneca de domingo”.

O descanso, o trabalho e a família são dádivas de Deus. Após criar o homem, Deus santificou o sábado, estabeleceu o trabalho e, por fim, instituiu o casamento e a família.

2.1. Deus santificou o sábado

Mesmo sendo incansável, Deus fez questão de “descansar”, firmando o sábado como espaço para as bênçãos do sossego e comunhão com ele (consolação e santificação).

Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o SENHOR, o Criador dos fins da terra, **nem se cansa, nem se fatiga**? Não se pode esquadrihar o seu entendimento (Is 40.28).

Assim, pois, foram **acabados** os céus e a terra e todo o seu exército. E, havendo Deus terminado no **dia sétimo** a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o **santificou**; porque nele **descansou** de toda a obra que, como Criador, fizera (Gn 2.1-3).

O sábado estabelece um “padrão estrutural”⁷ para toda a criação: seis dias de atividade seguidos por um dia de folga, celebração e culto. O criador concedeu o descanso ao homem. A grande mensagem por trás do sábado é esta: o homem não deve ser “cativo da criação”;⁸ ele não foi criado para trabalhar ininterruptamente, mas para gozar da existência na comunhão com Deus. Sendo assim, a guarda do sábado foi incluída na lei, como privilégio e dever de todas as criaturas (Êx 20.8-11).

O sábado do Antigo Testamento (AT) era um descanso no último dia da semana. O judeu iniciava a semana, ansiando pelo desfrute de um repouso que estava por vir. Nesse sentido, o sábado antecipava “o dia da restauração consumada na redenção”.⁹ O sábado cristão é o primeiro dia da semana (domingo). O cristão inicia a semana, já desfrutando do sossego em Cristo e, refeito em Deus,

7 ROBERTSON, O. Palmer. *O Cristo dos pactos*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 61-67.

8 ROBERTSON, op. cit., p. 63; cf. Marcos 2.27-28.

9 Ibid., p. 66.

vive cada novo dia como testemunha da cruz e da ressurreição. Ele contempla tanto a criação, quanto a redenção. “A criação dá origem a um povo de Deus. A redenção cria de novo um povo para Deus. Em cada caso, o sábado desempenha papel vital”.¹⁰

Por essa razão, o cristão compreende a história de maneira diferente. Ele não apenas olha para frente, rumo a uma redenção por vir. Ele não espera meramente por um descanso sabático futuro. Ele olha para trás, para uma redenção já completamente cumprida. Ele se firma confiantemente sobre a base daquilo que o passado já trouxe.

Portanto, é apropriado que a nova aliança altere radicalmente a perspectiva sabática. O crente em Cristo, de hoje, não segue o padrão sabático do povo da antiga aliança. Não trabalha primeiro seis dias, olhando com esperança em direção ao descanso. Ao contrário, começa a semana regozijando-se no descanso já realizado pelo evento cósmico da ressurreição de Cristo. E, então, entra alegremente nos seis dias de trabalho, confiante no sucesso por meio da vitória que Cristo já alcançou.

[...] Embora o dia em que a celebração deva ser observada tenha sido mudado, do dia sétimo para o primeiro dia da semana, o cristão é obrigado a lembrar-se do dia de sábado para santificá-lo, para não trabalhar nesse dia e para evitar fazer com que outras pessoas trabalhem para ele. As “dez palavras” derivam seu poder obrigatório do fato de refletirem a natureza do próprio Deus.¹¹

O *Catecismo Maior de Westminster* (CMW), diz o seguinte sobre o assunto:

Pergunta 116. O que é exigido no quarto mandamento? O quarto mandamento exige que todos os homens santifiquem ou guardem santos para Deus todos os tempos especificados, que Deus designou em sua Palavra, expressamente um dia inteiro em cada sete; o sétimo dia desde o princípio do mundo até a ressurreição de Cristo, e o primeiro dia da semana desde então até o dia de hoje, e há de assim continuar até ao fim dos tempos; o qual é o sábado cristão^[1] e que, no Novo Testamento, é chamado de o Dia do Senhor (domingo).^[2] **Referências bíblicas:** ^[1] Gn 2.3; 1Co 16.2; At 20.7; Jo 20.19,26; ^[2] Ap 1.10.¹²

Esta é a razão pela qual, no primeiro dia da semana, a Igreja se reúne para adorar a Deus conjuntamente. Além disso, a instituição do sábado evoca a cessação das más obras, com vistas ao desfrute do descanso eterno, nos termos do *Catecismo de Heidelberg* (CH):

Pergunta 103. O que Deus ordena no quarto mandamento? Resposta. Primeiro: o ministro do evangelho e as escolas cristãs devem ser mantidos,^[1] e eu devo reunir-me fielmente com o povo de Deus, especialmen-

10 Ibid., p. 65.

11 Ibid., p. 71.

12 ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. “Catecismo Maior de Westminster (CMW)”. In: *BÍBLIA DE ESTUDO HERANÇA REFORMADA* (BEHR). São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, p. 2051-2052.

te no dia de descanso,^[2] para conhecer a Palavra de Deus,^[3] para participar dos sacramentos,^[4] para invocar publicamente ao Senhor Deus^[5] e para praticar a caridade cristã para com os necessitados.^[6]

Segundo: eu devo, todos os dias da minha vida, desistir das más obras, deixando o Senhor operar em mim por seu Espírito. Assim começo nesta vida o descanso eterno.^[6]

^[1]1Co 9.13-14; 1Tm 3.15; 2Tm 2.2; 3.14-15; Tt 1.5; ^[2]Lv 23.3; Sl 40.9-10; 122.1; At 2.42,46. ^[3]1Co 14.1,3; 1Tm 4.13; Ap 1.3. ^[4]At 20.7; 1Co 11.33. ^[5]1Co 14.16; 1Tm 2.1-4. ^[6]Dt 15.11; 1Co 16.1-2. ^[7]Hb 4.9-10.¹³

2.2. Deus estabeleceu o trabalho

Quando recebeu de Deus a incumbência de “dominar” sobre a criação e cuidar do jardim do Éden, o homem foi agraciado com o trabalho.

E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; **dominai** sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra. E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para **mantimento** (Gn 1.28-29).

Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o **cultivar** e o **guardar** (Gn 2.15).

Notemos que isso aconteceu antes da Queda, ou seja, o trabalho foi dado ao homem não como castigo, e sim, como bênção. A capacidade humana de fazer bom uso dos recursos naturais e empreender, vem de Deus. O desenvolvimento da agricultura, pecuária ou de tecnologia de qualquer tipo — a obtenção e domínio de conhecimento que subjaz toda técnica — decorrem da criação.

2.3. Deus instituiu o casamento e a vida social

Por fim, Deus instituiu o casamento e a vida social. O isolamento humano não é bom; o homem necessita de amor e interação social.

Disse mais o SENHOR Deus: **Não é bom** que o homem esteja **só**; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea (Gn 2.18).

E a costela que o SENHOR Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe. E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada. **Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne** (Gn 2.22-24).

Ainda que nem todos os seres humanos devam se casar ou ter filhos, a maior parte precisa interagir em família, e todos, em sociedade. A junção de descanso, trabalho e família ou grupo social, origina o que denominamos civilização ou cultura.

13 CATECISMO DE HEIDELBERG (CH). “Pergunta 103”. In: BEHR, p. 1970.

Resumindo, na criação Deus estabeleceu uma estrutura para a vida humana, indicando que ele se importa em prover para nós as bênçãos da vida comum, necessárias para nossa caminhada com ele neste mundo. Esta obra de Deus na criação foi sem defeito. O autor de Gênesis faz uso de um adjetivo (na *Bíblia Hebraica*), que informa que a criação de Deus foi dotada de “beleza” e “virtude”. Tudo “era muito bom” (Gn 1.31).

E DAÍ?

Como é gostoso poder repousar depois de uma semana cansativa. Ou fazer uso de coisas boas, produzidas pelo trabalho humano. Ou desfrutar de momentos prazerosos, com familiares e amigos. Essas coisas são dádivas de Deus na criação e, sem ele, não fazem sentido. Podemos e devemos agradecer a Deus por sua bondade, em fazer tudo “muito bom”.

3. Deus estabelece alianças

Quando um homem e uma mulher se casam, é comum eles usarem anéis simbolizando sua união. Tais anéis são chamados de alianças, porque selam um acordo ou pacto. A relação de Deus com o homem também se dá por meio de alianças.

3.1. O Deus das alianças

Como podemos entender a relação de Deus com sua criação? Nas primeiras páginas do livro de Gênesis, Deus estabeleceu uma aliança.¹⁴

Uma aliança divina é “um pacto de vida ou morte soberanamente administrado”.¹⁵ É comum entendermos aliança como um acordo, normalmente um contrato firmado entre duas ou mais pessoas ou instituições. Na Antiguidade, porém, a ideia de aliança não pressupunha, necessariamente, um acordo entre iguais. Um rei soberano estabelecia alianças com as nações conquistadas.

Nas alianças divinas Deus pactua como soberano, ou seja, como parte superior e o homem submete-se como criatura, servo e filho. “As alianças divinas [...] são sempre deste último tipo”.¹⁶

As alianças são constituídas de três elementos:¹⁷

1. Um relacionamento (ligação ou vínculo) entre as partes.
2. Privilégios (promessas e benefícios).

14 Há estudiosos que negam haver uma aliança na criação. Eles dizem que a primeira aliança divino-humana foi firmada somente a partir de Noé. Uma nota da *Bíblia de estudo Nova Versão Internacional* afirma “não haver na Bíblia registro de uma aliança com Adão” (cf. BARKER, Kenneth et al. (Org.). *Bíblia de estudo Nova Versão Internacional* [BENVI]. São Paulo: Vida, 2003, p. 1488). A nota comenta Oseias 6.7, traduzido como “na cidade de Adão, eles quebraram a minha aliança”. A tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada (ARA), traz “mas eles transgrediram a aliança, como Adão”. Assim como Adão, Israel quebrou uma aliança. Robertson (op. cit., p. 21-29) demonstra com abundante documentação que a aliança da criação é confirmada em Jeremias 33.20, 21, 25, 26 e Oseias 6.7. Van Groningen (op. cit., p. 89-90) argumenta contra a tradução proposta pela BENVI e demonstra que (1) é sólida a base para a leitura dos textos de Jeremias e Oseias como confirmação da aliança com Adão; (2) a terminologia da aliança com Noé (a palavra traduzida como “estabelecerei” é *qûm*, manter algo que já existe e não iniciar algo novo) denota continuação e não início de aliança; (3) o tratamento de Deus para com Adão contém todos os elementos de uma aliança. A primeira edição da *Bíblia de Estudo de Genebra* fala sobre um teste sendo “administrado sob uma aliança de obras”; cf. *BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA*. 1ª ed. (BEG¹). São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 13. O BCW, a CFW e o CMW, referem-se à relação de Deus com Adão como um pacto de obras. Nestes estudos, o pacto das obras é entendido como uma regulamentação legal do pacto da criação.

15 ROBERTSON, op. cit., p. 12.

16 YOUNGBLOOD, Ronald F. (Org.). *Dicionário ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 43.

17 VAN GRONINGEN, op. cit., p. 89-90.

3. Responsabilidades (estipulações ou mandatos pactuais).

Deus se comprometeu com a criação ordenando-a, mantendo-a e concedendo-lhe promessas. Ao mesmo tempo, criou agentes pessoais livres e responsáveis com os quais manteve comunhão.

É possível falar de aliança no singular, referindo-se ao trato divino com tudo o que existe. O mais adequado, porém, é perceber que a Escritura refere-se a duas alianças que se complementam, quais sejam, da **criação** e da **redenção**. A primeira delas será explicada aqui. A aliança da redenção será abordada nos próximos estudos.

3.2. A aliança da criação

Ao criar, Deus estabeleceu uma ligação de amor e cuidado com tudo o que fez. Ele revelou-se como Rei Criador por meio de uma conexão denominada aliança da criação, **pacto da criação** ou pacto do **domínio**.

Deus, pelos seus comandos verbais, exercitando seu poder soberano, trouxe à existência aquilo sobre o qual estaria sempre reinando. Ele criou seu reino e estabeleceu um vínculo de bondade, amor, vida e poder entre si e este reino. Este vínculo é conhecido como aliança com a criação, ou como “Pacto de Domínio”.¹⁸

Este pacto abrange as relações do criador com a sua criação (figura 01).



Figura 01: O pacto da criação.

18 Ibid., p. 43.

Algumas ideias podem ser traçadas, a partir desta abordagem. Quanto à abrangência, o pacto da criação alcança a totalidade da realidade. Sendo assim, a expressão “reino de Deus” não deve ser entendida como referindo-se apenas às coisas tidas como religiosas, mas ao governo divino sobre tudo o que existe.

Riquezas e glória vêm de ti, tu dominas **sobre tudo**, na tua mão há força e poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força (1Cr 29.12).

Quanto aos agentes pactuais, de um lado Deus estabelece o pacto; de outro, o homem é responsabilizado.

Quanto às responsabilidades do homem neste pacto, o sábado aponta para o culto — um dever ou mandato espiritual. O trabalho implica em uma obrigação de administrar recursos e conhecimentos — um dever ou mandato cultural. A família insere o homem em um contexto de deveres com o seu próximo — o mandato social.

Tais mandatos serão estudados nos próximos capítulos. Por ora, basta que saibamos que o pacto da criação define a totalidade da vida humana devotada à glória de Deus.

Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei **tudo** para a **glória de Deus** (1Co 10.31).

Sem qualquer exagero, todo o restante da Escritura e da história da salvação é um desdobramento deste pacto.

E DAÍ?

O grande Deus, criador de tudo, tem interesse em relacionar-se conosco, firmando alianças de amor. Ele é o Deus dos pactos, pessoal, “eterno, mas não distante”.¹⁹

19 ALMEIDA, Marcos. “Pensei”. In: PALAVRANTIGA. *Esperar é caminhar*. Produção independente, 2010. 1 CD. O estabelecimento de vínculos pactuais decorre da tripessoalidade de Deus; cf. NASCIMENTO, Misael Batista do; PORTO, Ivonete Silva. *O Deus dos pactos: A doutrina da Trindade*. São José do Rio Preto: Editor Misael Batista do Nascimento, 2022; ePub, Kindle e PDF. Disponível em: <<https://www.misaelbn.com/livros/>>.

4. O homem, imagem e semelhança de Deus

Em uma tirinha do cartunista argentino Quino, Mafalda pergunta a Filipe o que ele acha da frase “conhece-te a ti mesmo”. Este responde que acha excelente e que a partir daquele instante vai colocá-la em prática. Entusiasmado, ele diz que não vai parar enquanto não souber quem de fato ele é. Então, apavorado, ele abraça Mafalda: “Meu Deus, e se eu não gostar de mim?”

Até que ponto conhecemos a nós mesmos? Quem somos nós? Tais dúvidas não são exclusivas dos teólogos e filósofos. Todos nós precisamos responder corretamente a estas questões.

4.1. Feitos conforme a imagem e semelhança de Deus

O primeiro aspecto a considerar é a formação do homem conforme a “imagem e semelhança” divinas. Quem somos nós? Seres criados à imagem e semelhança de nosso criador.

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem e **semelhança** (Gn 1.26).

Criou Deus, pois o homem, à sua imagem, **à imagem de Deus** o criou; homem e mulher os criou (Gn 1.27).

Isso nos diferencia de todas as outras criaturas, a começar pelas capacidades intelectuais e morais.

Deus é Espírito, a alma humana é um espírito. Os atributos essenciais do espírito são a razão, a consciência e a vontade. Um espírito é um agente racional, moral e, portanto, também um agente livre. Assim, ao criar o homem segundo a sua imagem, Deus o dotou com aqueles atributos que pertencem à sua própria natureza como espírito. O homem é, por isso, distinto de todos os demais habitantes deste mundo, e está colocado incomensuravelmente acima deles.²⁰

Quatro realidades estão envolvidas nessa declaração do homem como imagem de Deus:²¹

1. Deus é um ser pessoal. A expressão “façamos”, em Gênesis 1.26, denota que Deus possui autoconsciência. “Ser uma pessoa é ser como Deus,

20 HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 555.

21 VAN GRONINGEN, op. cit., p. 84-85.

conhecer o bem. É ter uma consciência, um senso de privilégio e responsabilidade”.²²

2. Deus é um ser espiritual. Assim sendo, homem e mulher são personalidades espirituais. Apesar de serem constituídos de matéria, possuem capacidade para comunicar-se e relacionar-se com Deus que é Espírito [cf. Jo 4.24].
3. Homem e mulher foram criados com o potencial de conhecer, amar, confiar, desejar, querer e obedecer. Podiam ainda recusar-se a obedecer, pois Deus os fez “livres no seu exercício destas capacidades”.²³
4. Deus executa sua vontade e propósitos, e alcança suas metas. Do mesmo modo, os seres humanos podem “dar expressão à sua personalidade, espiritualidade e virtudes”.²⁴

Nos primeiros dias da criação tudo isso era vivenciado em plenitude, considerando o estado perfeito da humanidade.

4.2. A perfeição do homem antes da Queda

O primeiro homem foi criado perfeito, em plena retidão, adaptado e capacitado para as finalidades para as quais ele havia sido feito. Ele possuía uma **vontade livre**²⁵ para escolher amar e obedecer a Deus.

Na imagem moral de Deus, ou retidão original, inclui-se a perfeita harmonia e a devida subordinação de tudo o que constituía o homem. Sua razão estava sujeita a Deus; sua vontade estava sujeita à razão; seus afetos e apetites, à sua vontade; o corpo era o órgão obediente da alma. Não havia rebelião da parte sensível de sua natureza contra a parte racional, nem havia desproporção entre elas que tivesse de ser controlada ou equilibrada pelos dons ou influências externas.²⁶

A inteireza da constituição do primeiro homem garantia plena harmonia entre sua vida interior e as condições externas, no jardim do Éden. Isso indica que Adão jamais se sentia inadequado, incompleto ou infeliz.

Consequentemente, com essa expressão (imagem de Deus) se denota a integridade de que Adão foi dotado, quando era possuído de reto entendimento, tinha as afeições ajustadas à razão, todos os sentidos afinados em reta disposição e, mediante tão excelentes dons, verdadeiramente refletia a excelência de seu Artífice.²⁷

Concluindo, quem somos nós? Criaturas de Deus, dignas porque refletimos sua imagem. Deus podia ter nos feito semelhantes a robôs imunes a defeitos ou

22 Ibid., p. 84.

23 Ibid., p. 85.

24 Ibid., loc. cit.

25 Nestes estudos, “vontade livre” é a capacidade de optar por Deus e pelas coisas divinas. Adão era uma criatura que podia não pecar (cf. a seção 7.3).

26 HODGE, op. cit., p. 557.

27 CALVINO, João. *As institutas: Edição clássica*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022, I.XV.3.

falhas, mas ele preferiu nos criar como seres morais, responsáveis por nossas escolhas. Se permanecemos ou não livres para obedecer a Deus será discutido logo adiante. Basta, por enquanto, que reconheçamos a bondade de Deus em nos criar.

Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, **que é o homem, que dele te lembres?** E o filho do homem, que o visites? Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe **domínio** sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste: ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo; as aves do céu, e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos mares (Sl 8.3-8).

É por isso que a aliança da criação é também chamada de **pacto das obras**. Adão foi constituído como representante ou cabeça federal de todos os seres humanos. Sua atuação na aliança traria consequências, boas ou más, tanto para o cosmos, quanto para a humanidade. “Deus, criando macho e fêmea humanos à sua imagem, os designou para serem seus vice-gerentes e executarem mandatos específicos”.²⁸ Ou como diz a *Confissão de Fé de Westminster* (CFW):

Depois de haver feito as outras criaturas, Deus criou o homem, macho e fêmea,^[2] com alma racional e imortal,^[3] e dotou-os de inteligência, retidão e perfeita santidade, segundo a sua própria imagem,^[4] tendo a Lei de Deus escrita no seu coração^[5] e o poder de cumpri-la, mas com a possibilidade de transgredi-la, sendo deixados à liberdade da sua própria vontade, que era mutável. Além dessa lei escrita no coração, receberam o preceito de não comerem da árvore da ciência do bem e do mal; enquanto obedeceram a este preceito, foram felizes em sua comunhão com Deus e tiveram domínio sobre as criaturas.^[6] **Referências bíblicas:** ^[2]Gn 1.27; 2.7; ^[3]Sl 8.5; Ec 12.7; Mt 10.28; ^[4]Cl 3.10; ^[5]Rm 2.14-15; ^[6]Gn 3.6.²⁹

Ao Deus criador, toda honra e glória!

E DAÍ?

Não há gente pequena ou sem importância.³⁰ Isso nos recomenda a tratar todas as pessoas com dignidade, sem distinção de raça, gênero, religião ou condição social.

Notemos a integração e lugar do ser humano no mundo. Há um sentido em que ele é “um” com a criação, o que deveria imbricar em consciência ecológica e, por conseguinte, preservação das florestas e biodiversidade, bem como gestão cuidadosa do habitat humano (cf. seção 6.1). Por outro lado, a valorização da vida animal deve prosseguir de mãos dadas com a preservação de cada ser humano, desde sua concepção.

28 VAN GRONINGEN, op. cit., p. 53.

29 ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. “CFW, IV.II”. In: BEHR, p. 1996.

30 Sobre este tópico, cf. SCHAEFFER, Francis A. *Não há gente sem importância*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

5. O mandato espiritual ou da comunhão

Quem nos completa? A experiência ensina que o homem nunca vive satisfeito. Ganha dinheiro e quer ganhar sempre mais dinheiro. O dinheiro não o completa. Recebe elogios e suspira por novos elogios. Os elogios não o completam. Procura festas e quer sempre mais festas. As festas não o completam. Procura esporte e quer sempre mais esporte. O esporte não o completa. Procura música e continua querendo sempre mais música. A música não o completa. Conhece gente e continua desejando conhecer mais gente. Ninguém o completa inteiramente. Ninguém, exceto Deus.³¹

O homem só encontra o verdadeiro sentido da vida na comunhão com o criador, que o fez à sua imagem e semelhança.

A aliança da criação foi administrada para Adão dar glória ao criador por meio do culto (sábado), da boa gestão das coisas criadas (trabalho) e do amor conjugal e ao próximo (família). Como vimos na seção 3.2, estas três dimensões da vida — andar com Deus, gerir a natureza e relacionar-se com outros seres humanos — apontam para ordenanças divinas necessárias para o reino cósmico: os mandatos espiritual, cultural e social.

5.1. Fomos criados para a comunhão com Deus

O mandato espiritual é a incumbência de corresponder a Deus em um relacionamento de amor e adoração. Por isso, tal estipulação é denominada **mandato da comunhão**.

Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores **adorarão o Pai em espírito e em verdade**; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores (Jo 4.23).

Adorar significa reconhecer a singularidade de Deus e demonstrar amor sincero a ele; entregar-se a Deus sincera e continuamente. Adorar é descansar em Deus, alegrar-se em Deus e encontrar nele o mais completo prazer e contentamento.

Como **suspira** a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem **sede** de Deus, do Deus vivo; **quando** irei e me verei perante a face de Deus? (Sl 42.1-2).

A minha alma suspira e **desfalece** pelos átrios do SENHOR; o meu coração e a minha carne **exultam** pelo Deus vivo! (Sl 84.2).

31 MOHANA, João. *O mundo e eu*. Rio de Janeiro: Agir, 1980, p. 37, apud CORREA, Avelino A.; SCHNEIDERS, Amélia. *De mãos dadas: Ensino religioso: 7ª Série*. São Paulo: Scipione, 2002, p. 49.

Essa intimidade com Deus estava prefigurada na instituição do sábado, no fato de Deus conversar diretamente com Adão e na possibilidade do acesso à árvore da vida. Se o homem mantivesse a prioridade desta comunhão, tudo iria bem com ele mesmo e com todas as outras esferas do Universo.

Agrada-te do SENHOR, e ele **satisfará** os desejos do teu coração. **Entrega** o teu caminho ao SENHOR, **confia** nele, e o mais ele fará (Sl 37.4-5).

Portanto, **não** vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; **buscai**, pois, em **primeiro lugar**, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão **acrescentadas** (Mt 6.31-33).

Como afirma van Groningen:

Deus veio caminhar no jardim com o homem e a mulher. Deus se fez imediata, direta, pessoal e intimamente disponível. Deus estabeleceu o sétimo dia como um dia de descanso, no qual ele e a humanidade não iriam dirigir a atenção para os desafios do cosmos, e sim, cada um para o outro. Deveria ser um tempo determinado a cada período de sete dias para o exercício do vínculo de vida/amor que os unia. Deus ordenou que esse tempo fosse separado semanalmente para o exercício dos relacionamentos amorosos e comunhão íntima, pelos quais o vínculo de vida e amor poderia ser sustentado e enriquecido. [...].

A comunhão deveria ser exercida no andar com Deus diariamente, conversar intimamente com ele e expressar amor, honra, devoção e louvor enquanto se fosse enfrentando os desafios e privilégios de cada dia. A cada sétimo dia, esta comunhão deveria ser expressa da maneira mais completa e rica possível.³²

Dito de outro modo, o homem foi configurado para adorar a Deus. Mais do que um evento isolado, a adoração deveria abarcar todas as iniciativas humanas, como finalidade principal da existência. Uma vez que fomos feitos para cultuar ao criador, quando desviados deste objetivo, nós nos inquietamos e definhamos, como orou Agostinho:

“Grande és tu, Senhor, e sumamente louvável: grande a tua força, e a tua sabedoria não tem limite”. E quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação; o homem carregado com sua condição mortal, carregado com o testemunho de seu pecado e com o testemunho de que resiste aos soberbos; e, mesmo assim, quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação. Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti.³³

O *Breve Catecismo de Westminster* (BCW) informa sobre isso, como segue:

Pergunta 1. Qual é o fim principal do homem? O fim principal do homem é glorificar a Deus^[1] e alegrar-se nele para sempre.^[2] **Refe-**

32 VAN GRONINGEN, op. cit., p. 91-92.

33 AGOSTINHO. *Confissões*. 20ª ed. reimp. 2008. São Paulo: Paulus, 1984, I.I, p. 15.

rências bíblicas: ^[1]Rm 11.36; 1Co 10.31; Is 43.7; Ef 1.5-6; ^[2]Sl 73.24-26; Rm 14.7-8; Is 61.3.³⁴

Uma vez que a adoração a Deus é prioritária, devemos nos dedicar a entendê-la e praticá-la, a fim de contemplar a Deus por fé, ouvir seu ensino e expressar a ele nosso amor adequadamente, não segundo as nossas imaginações.

Quero te ver como tu és, não como imagino, mas como tu és
Quero ouvir tua palavra, não como imagino, mas o que ela diz
Meu amor, meu amor!³⁵

Em suma, queremos cultuar de modo agradável a Deus. Cultuar porque o conhecemos e conhecê-lo mais, enquanto o cultuamos.

5.2. Fomos criados para adorar enquanto obedecemos

Fomos criados para cumprir os mandatos da criação. O modo como transcorre a narrativa da criação, denota que o ideal divino é que o adoremos enquanto o obedecemos; o cumprimento de cada mandato é não apenas para nosso bem, mas acima de tudo, para sua glória.

Uma nota pertinente ao culto é encontrada em Gênesis 2.15 (cf. a seção 2.2). A palavra traduzida por “cultivar” aparece 290 vezes no AT e pode ser entendida como “servir como um adorador”. Sua raiz aramaica tem o sentido de “fazer” e provém de “uma raiz árabe” cujo significado é “adorar” ou “obedecer (a Deus)”.³⁶ Além disso, o vocábulo traduzido como “guardar” é usado em outros lugares do AT, significando a observância dos preceitos divinos (cf. Gn 18.19; Êx 20.6; Lv 18.26).

A partir destes dados bíblicos, conclui-se que Adão comungava com Deus em amor, cumprindo suas ordenanças. Esta é a essência do culto verdadeiro.

Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. **Amarás**, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força (Dt 6.4-5).

Porém Samuel disse: Tem, porventura, o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? Eis que o **obedecer** é melhor do que o sacrificar, e o **atender**, melhor do que a gordura de carneiros (1Sm 15.22).

Ele te declarou, ó homem, o que é **bom** e que é o que o SENHOR **pede de ti**: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus (Mq 6.8).

34 ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. “BCW, pergunta 1”. In: BEHR, p. 2020.

35 ALMEIDA, Marcos. “Imagino”. In: PALAVRANTIGA, op. cit., loc. cit.

36 KAISER, Walter C. “*abad*”. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1065.

Ivonete Porto esclarece que o mandato espiritual estabelece uma teorreferência.³⁷ O homem foi criado tendo Deus como ponto último de referência. Tudo que o homem faz é teorreferente, de modo que esta teorreferência pode ser positiva, quando o homem volta-se para Deus em obediência e culto, ou negativa, quando o homem vira as costas para Deus. A Bíblia nos convida a andar com Deus em contínua adoração, como resposta ao pacto da criação.

E DAÍ?

Amizade implica relacionamento. Laços de amizade se estreitam enquanto conhecemos preferências pessoais, sentimentos, reações, etc. Com Deus acontece algo parecido. A possibilidade de desfrutarmos de sua comunhão é o maior presente que recebemos dele.

37 O termo “teorreferente” é usado pelo Professor Dr. Rev. Davi Charles Gomes, em suas aulas de Teologia Filosófica, no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ), em São Paulo.

6. Os mandatos cultural e social

Em um desenho animado, ao perceber a aproximação do perigo, um avestruz enfia a cabeça em um buraco. Sabe-se que isso é mitologia popular; avestruzes não fazem isso. No entanto, a imagem da ave com a cabeça enterrada, sugere uma analogia útil.

Como interagimos com a cultura? É possível tentar esconder-se negando a vida comum, abraçar ideais de espiritualidade fanática ou simplesmente declarar o Universo fadado à destruição e, por isso, indigno de nossa atenção. Em todos estes casos de negação da realidade, “enfia-se a cabeça em um buraco”.

A Bíblia nos ensina a andar com Deus no mundo de Deus, caminhar com o Senhor conectados à criação e ao próximo. Isso tem relação com o cumprimento dos mandatos cultural e social.

6.1. Somos responsáveis pelo cuidado e transformação do mundo

Como vimos na seção 2.2, Adão foi incumbido de sujeitar e dominar, bem como cultivar e guardar a criação. Além disso, Deus ordenou ao homem que desse nomes aos “animais do campo” e “aves dos céus”.

Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, **trouxe-os ao homem**, para ver como este lhes **chamaria**; e o nome que o homem desse a todos os seres vivos, esse seria o nome deles (Gn 2.9).

Todos esses detalhes denotam capacidade para gerenciar a natureza, compreendê-la e utilizá-la com inteligência, ou seja, produzir tecnologias, civilização e cultura. Isso é o **mandato cultural** — a delegação para que o homem corresponda a Deus trabalhando e administrando bem a criação. O ser humano não recebeu permissão para devastar os recursos naturais, mas foi estabelecido como vice-gerente, aquele que administra como quem presta contas ao Rei, uma vez que a terra pertence a Deus.³⁸

Ao SENHOR pertence a terra e **tudo** o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam (Sl 24.1).

Esta era a situação do homem e da mulher na aliança da criação: Eles tinham tudo de que necessitavam, eram completamente realizados em Deus e receberam incumbências importantíssimas, como vice-gerentes do reino cósmico do criador.

O homem e a mulher eram tudo que Deus pretendia que fossem. Eles tinham que ser o que tinham sido feitos para ser; tinham que fazer o

38 VAN GRONINGEN, op. cit., p. 87; ROBERTSON, op. cit., p. 67-68.

que Deus os tinha feito para fazer. Eles não tinham nada a ganhar; já tinham todos os direitos, privilégios e bênçãos da família real de Deus. Foram feitos para ser filhos e filhas do Rei Soberano; deveriam cumprir suas tarefas reais para as quais foram equipados. Assim, não existia nada para o qual tornar-se merecedor. Tudo existia para eles manterem e conservarem.³⁹

6.2. Somos responsáveis pela vida em sociedade

A expressão “não é bom que o homem esteja só” (Gn 2.18) revela que o ser humano não foi criado para caminhar sozinho. O homem é um ser social, precisa de comunhão com Deus e com outros seres humanos.

A instituição do casamento aponta para a construção de relacionamentos familiares e comunitários, imbricando na vida em sociedade. Na união matrimonial e na família, são lançadas as bases para as relações humanas mais amplas, tornando possível o desenvolvimento da sociedade.

Então, respondeu ele: Não tendes lido que o criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém **uma só carne**. Portanto, o que Deus juntou não o separe o homem (Mt 19.4-6).

Isso é o **mandato social** — a estipulação de corresponder a Deus na comunhão com a família e com o próximo.

Além disso, no casamento, Deus une homem e mulher em uma “fusão interpessoal”,⁴⁰ definindo funções e papéis dos gêneros sexuais.

Deus estabelece a ligação entre “macho e fêmea” (Gn 1.27).

A mulher é criada como “auxiliadora idônea” (Gn 2.18). O vocábulo hebraico traduzido como “auxiliadora” (*ē'·zēr*) não denota submissão irrestrita e sim, informa que Adão carecia de “ajuda”. Encontramos a mesma raiz em 1Samuel 7.12. O SENHOR ajudou seu povo, daí, “Ebenézer”. Assim como o povo de Deus carece do auxílio do SENHOR, o homem carece da mulher.

Ademais, o vocábulo hebraico *nē'·gēd*, “diante de”, “oposto a”⁴¹ traduzido como “idônea”, comunica correspondência e não inferioridade, ou seja, a ajuda a Adão virá por meio de outro ser humano que não é menor, e sim, correspondente a ele. Daí a KJA: “farei para ele [para o homem] alguém que o ajude e a ele corresponda!” E a NVI: “farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda”.⁴² E ainda, na NAA: “que seja semelhante a ele”. E por fim, na ESV: “uma ajudante adequada para ele”.

Isso quer dizer que, no código da criação, Deus estabelece a igualdade de dignidade entre os gêneros, bem como a complementaridade entre homem e

39 Ibid., p. 91.

40 ROBERTSON, op. cit., p. 72.

41 THOMAS, Robert L. *New american standard hebrew-aramaic and greek dictionaries: Updated edition*. Anaheim: Foundation Publications, Inc., 1998. Logos Software.

42 ROBERTSON, op. cit., p. 75.

mulher. A sociedade deve funcionar sem diminuir ou desconsiderar a contribuição de qualquer gênero, raça ou classe social.

A união propiciada pelo tornar-se “uma só carne” (Gn 2.24) denota exclusividade e profundidade da relação conjugal, que é quebrada com o adultério e o divórcio (cf. Mt 5.31-32). Como lemos na CFW:

O casamento deve ser entre um homem e uma mulher; ao homem não é lícito ter mais de uma esposa, nem à mulher mais de um marido, ao mesmo tempo.^[1] **Referências bíblicas:** ^[1]Gn 2.24; Mt 19.4-6; Rm 7.3.⁴³

6.3. A criação antecede a salvação

É importante saber que, antes mesmo de falar em salvação, a Bíblia aponta para a criação. Antes de se revelar como Salvador de almas, Deus é mostrado como Senhor da criação.

Isso nos ajuda a compreender as coisas adequadamente. Somos inclinados a enxergar a realidade dividida em duas partes. No “pavimento” superior ficam os “valores”, ou seja, as ideias e crenças individuais. No “pavimento inferior” ficam os “fatos”, ou seja, as coisas palpáveis da vida prática, tais como as ciências e o trabalho (figura 02).

Vida privada (valores e crenças)

Vida pública (fatos)

Figura 02: Deus separado do trabalho e da vida social.

O problema com esse ponto de vista é que ele separa Deus das coisas cotidianas, como se o criador não interferisse na vida pública. A Bíblia ensina que o senhorio de Deus não é restrito à “religião”. Deus governa sobre todas as áreas da vida: “Um modo de reconhecermos seu senhorio é interpretar todo aspecto da criação, levando em conta a verdade divina”.⁴⁴

E DAÍ?

Faz toda diferença viver à luz dos mandatos da criação. O mundo de ideias que nos cerca desafia os conteúdos e práticas da fé cristã. Para interagir com a cultura de modo construtivo e fiel a Deus, precisamos de uma mente transformada, nos termos da Sagrada Escritura (Rm 12.1-2).

43 “CFW, XXIV.I”. In: BEHR, p. 2012.

44 PEARCEY, 2006, p. 27.

7. A responsabilidade especial de Adão

A dieta de Marina durava uma semana. Ela estava satisfeita por seguir a prescrição da nutricionista, ainda que com muito esforço. No domingo, porém, não conseguiu resistir à “tentação”: No almoço em família, ela observou a dieta nos pratos salgados, mas não teve como evitar porções generosas da deliciosa mousse de maracujá, preparada por sua mãe.

7.1. O teste prova da árvore do conhecimento do bem e do mal

Além das incumbências gerais explicadas anteriormente, Deus deu ao homem uma instrução especial. Adão teria de ser aprovado em um teste prova, que consistia em não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Este teste é conhecido como **pacto das obras**.

O pacto das obras é a estipulação de que o homem morreria, se comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal.

E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De **toda** árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal **não** comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente **morrerás** (Gn 2.16-17).

O CMW explica o pacto das obras como providência de Deus, como segue:

Pergunta 20. Qual foi a providência de Deus para com o homem, no estado em que ele foi criado? A providência de Deus para com o homem, no estado em que ele foi criado, consistiu em colocá-lo no Paraíso, [...] entrando em um pacto de vida com ele, sob a condição de obediência pessoal,^[6] perfeita e perpétua, da qual a árvore da vida era um penhor;^[7] e proibindo-lhe comer da árvore da ciência do bem e do mal, sob pena de morte.^[8] **Referências bíblicas:** ^[6]Gl 3.12; ^[7]Gn 2.9; ^[8]Gn 2.16-17.⁴⁵

Não há evidência de que o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal contivesse qualquer propriedade maléfica, muito menos de que tal fruto fosse uma maçã. Além disso, Deus não estabeleceu este teste por capricho. O teste prova foi estabelecido para que o homem soubesse que não é Deus e para que Adão amadurecesse em sua fé, por meio da obediência.

7.2. O homem não é Deus

A proibição de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal tinha por objetivo demonstrar que o homem não é Deus. Ele não podia tudo. O

45 “CMW, pergunta 20”. In: BEHR, p. 2035-2036.

criador devia ser amado, honrado e servido. O homem era completamente feliz submetendo-se ao Senhor; nada mais era necessário à vida plena, senão gloriá-lo e desfrutar da rica comunhão com ele (cf. a seção 5.1).

Ergue-se uma árvore no meio do jardim como lembrança simbólica de que o homem não é Deus. Tudo lhe foi graciosamente dado; permanece, porém, uma exceção para lembrá-lo de que não deve confundir sua abundante bem-aventurança com o estado do criador. Ele é criatura; Deus é criador.⁴⁶

No salmo 18, o poeta sagrado expressa dependência de Deus.

Eu te **amo**, ó SENHOR, força minha. O SENHOR é a minha rocha, a minha cidadela, o meu libertador; o meu Deus, o meu rochedo em que me refugio; o meu escudo, a força da minha salvação, o meu baluarte (Sl 18.1-2).

Parte significativa da obra de Deus em nós, corresponde a nos moldar para que admitamos que somente ele é Deus, nos alegrando na dependência dele.

7.3. O homem amadurece crendo e obedecendo

O homem precisa confiar na bondade de Deus e submeter-se à sua palavra como única regra de fé e prática. De acordo com Gênesis, o Universo surgiu em resposta à palavra de Deus. O Senhor criou proferindo ordens. Ele produziu vida e movimento, comunicando-se com autoridade. As expressões “e houve” (Gn 1.3); “e assim se fez” (Gn 1.7, 9, 11, 15, 24, 30) demonstram que suas determinações foram cumpridas. O atendimento à sua palavra resultou em coisas boas — em beleza e harmonia do cosmos.

A proposta da Bíblia nada mais é do que o chamado à organização da alma de acordo com os comandos divinos, uma resposta de amor ao governo de Deus, que ocorre no contexto da aplicação e prática diárias de sua palavra.

A proibição da árvore do conhecimento do bem e do mal foi um teste de obediência; de modo que, ao obedecer, Adão podia provar que se sujeitava à autoridade de Deus, de livre e deliberada vontade.⁴⁷

Dito de outro modo, Adão seria aperfeiçoado pela obediência, obtendo acesso à vida espiritual elevada, representada pela árvore da vida (Gn 2.9).⁴⁸ Esta árvore era “um sacramento e um símbolo da imortalidade que seria outorgada a Adão, se porventura perseverasse em seu primeiro estado”.⁴⁹ O estado do homem podia ser transformado, de criatura que podia não pecar (*posse non peccare*), ou seja, da possibilidade de não morrer, para o da liberdade da glória

46 ROBERTSON, op. cit., p. 80.

47 CALVINO, João. *As institutas: Edição clássica*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022, II.I.4.

48 VOS, Geerhardus. *Teologia bíblica: Antigo e novo Testamentos*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 44-45.

49 TURRETINI, François. *Compêndio de teologia apologética*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 1, p. 724.

em bem-aventurança, de não poder pecar (*non posse peccare*), ou seja, a incapacidade de morrer.⁵⁰

Em suma, não há discipulado sem obediência. A desobediência à palavra de Deus é pecado e o pecado conduz à morte. Por isso, os fatos relatados nestes capítulos de Gênesis são considerados um pacto de obras. Trata-se, repetindo o conceito de Robertson, de “um pacto de vida e morte, soberanamente administrado”.⁵¹ Observe-se, nesse ponto, que Deus não exigiu de Adão algo impossível. Como vimos, o primeiro homem foi criado com capacidade de obedecer ou desobedecer. Se ele obedecesse, seria aperfeiçoado a partir de sua condição original. Por outro lado, a desobediência implicaria no distanciamento eterno do criador — na perda do acesso ao fruto da árvore da vida, que correspondia à morte não apenas física, mas também espiritual.

[...] Além dessa lei escrita no coração, receberam o preceito de não comerem da árvore da ciência do bem e do mal; enquanto obedeceram a este preceito, foram felizes em sua comunhão com Deus e tiveram domínio sobre as criaturas.^[6] **Referências bíblicas:** ^[6]Gn 3.6.⁵²

A história humana começa com o primeiro casal desfrutando de uma condição maravilhosa (Gn 2.24). O segundo capítulo de Gênesis, finaliza de maneira quase poética. O leitor pode preparar-se, pois algo terrível está para acontecer.

E DAÍ?

Ao contrário do que alguns pensam, obediência não equivale a servidão cega. Uma vez que fomos feitos para nos alegrar na vontade de Deus, obediência produz maturidade e felicidade. O resultado da desobediência a Deus é frustração. Os prazeres serão sempre passageiros, se não estivermos focados no agrado de nosso criador.

50 TURRETINI, op. cit., p. 713. Misael Batista do Nascimento é grato a Deus pela vida e ministério do Rev. Dr. Heber Campos, que lhe apresentou estes conceitos em módulo do curso de validação em Teologia da Universidade Mackenzie, em 2006.

51 ROBERTSON, op. cit., p. 10.

52 “CFW, IV.II”. In: BEHR, p. 1996.

2ª Parte:
A depravação do homem e o
pacto da redenção

8. A desobediência de Adão

João e Vicente abriram uma livraria. Amigos de infância, eles resolveram se tornar sócios para melhorar de vida. Tudo ia bem, até que um dia, Vicente descumpriu um dos termos do acordo da sociedade. A partir daquele momento, nem a sociedade, nem a amizade dos dois, permaneceram as mesmas.

8.1. O que foi a Queda

Dotado de liberdade de vontade, o primeiro casal infringiu a ordem divina. “Somos informados de que nossos primeiros pais caíram do estado em que foram criados, quando pecaram contra Deus”.⁵³

A Queda foi o ato de desobediência de Adão e Eva. Ambos comeram do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, o que havia sido proibido pelo criador.

Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e **comeu** e deu também ao marido, e ele **comeu** (Gn 3.6).

O BCW explica a Queda, como segue:

Pergunta 13. Os nossos primeiros pais se conservaram no estado em que foram criados? Nossos primeiros pais, sendo deixados à liberdade da sua própria vontade, caíram do estado em que foram criados, pecando contra Deus.^[1] **Referências bíblicas:** ^[1]Rm 5.12; Gn 3.6.⁵⁴

O primeiro pecado instituiu a recusa da raça humana em viver sob a direção de Deus. Ao se rebelar contra Deus, o ser humano abriu as portas para a entrada da culpa e penalidades pactuais decorrentes da desobediência, afetando também o Universo sobre o qual ele foi constituído vice-gerente.

8.2. Algumas consequências da Queda

Ações produzem consequências. A violação da ordem divina engendrou o sofrimento como parte da experiência humana, desde o nascimento, até a morte.

Primeiro, houve perda da intimidade com Deus. Tomado de sentimentos de culpa e vergonha, o homem passou a fugir da presença divina.

Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela vi-
ração do dia, **esconderam-se** da presença do SENHOR Deus, o homem e
sua mulher, por entre as árvores do jardim (Gn 3.8).

53 HODGE, op. cit., p. 581.

54 “BCW, pergunta 13”. In: BEHR, p. 2021; cf. “CMW, pergunta 21”. In: BEHR, p. 2036.

Em segundo lugar, surgiram as angústias envolvendo a chegada e criação de filhos, os conflitos conjugais e sociais, os desgastes físicos e mentais no trabalho, a deterioração da criação e hostilização entre o homem e a terra e, finalmente a morte, tanto física quanto espiritual.

E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os **sofrimentos** da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará. E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, **maldita é a terra** por tua causa; em **fadigas** obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque **tu és pó e ao pó tornarás** (Gn 3.16-19).

O SENHOR Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado. E, **expulso** o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida (Gn 3.23-24).

A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois **a criação está sujeita à vaidade**, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus (Rm 8.19-21).

Em terceiro lugar, o homem sofreu deterioração psicológica e moral, de modo que sua razão, emoções e vontade se tornaram propensas a desobedecer a Deus.

Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto. Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. Neste caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetú-lo. Porque **não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço**. Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim (Rm 7.15-20).

Em quarto lugar, a tendência religiosa da cultura do mundo foi afetada. Em todas as sociedades criaram raízes, brotaram e se ramificaram crenças, sistemas filosóficos e ideológicos, bem como programas de gestão pública, formação social e comportamentos contrários a Deus e alinhados à serpente.

Lameque tomou para si **duas esposas**: o nome de uma era Ada, a outra se chamava Zilá. Ada deu à luz a Jabal; este foi o pai dos que habitam em tendas e possuem gado. O nome de seu irmão era Jubal; este foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta. Zilá, por sua vez, deu à luz a Tubalcaim, artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro;

a irmã de Tubalcaim foi Naamá. E disse Lameque às suas esposas: Ada e Zilá, ouvi-me; vós, mulheres de Lameque, escutai o que passo a dizer-vos: **Matei** um homem porque ele me feriu; e um rapaz porque me pisou (Gn 4.19-23).

A terra estava **corrompida** à vista de Deus e cheia de violência (Gn 6.11).

Se o **mundo** vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos **odeia** (Jo 15.18-19).

Sabemos que [...] o mundo inteiro jaz no **Maligno** (1Jo 5.19).

Desde a Queda, fomos feitos triplamente escravos: do mundo (o sistema cultural contrário a Deus), da carne (nossa natureza decaída) e de Satanás.

Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste **mundo**, segundo o príncipe da potestade do ar, do **espírito** que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa **carne**, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais (Ef 2.1-3).

Em suma, o ser humano, coroa da criação, aceitou a sugestão da serpente e foi submetido ao seu domínio. A humanidade foi subjugada pelo reino parasita da serpente.⁵⁵

Tais efeitos eram inevitáveis. Provam a perda não só da inocência, mas também da justiça original e, com ela, do favor e comunhão com Deus. Portanto, o estado a que Adão se reduziu, por sua desobediência, no que diz respeito à sua condição subjetiva, foi análogo ao dos anjos apóstatas. Ele ficou total e absolutamente arruinado. Diz-se que ninguém se torna totalmente depravado em uma só transgressão. Em certo sentido isso procede. Uma transgressão, porém, ao incorrer na ira e maldição de Deus, bem como na perda de comunhão com ele, envolve a morte espiritual de maneira tão absoluta como a perfuração do coração causa a morte do corpo; ou como a perfuração dos olhos nos envolvem com trevas perenes. As outras formas de mal, como produto da desobediência de Adão, eram meramente subordinadas, apenas expressões do desprazer divino e consequências daquela morte espiritual na qual consistia essencialmente a penalidade ameaçada.⁵⁶

A CFW resume a doutrina da seguinte forma:

Por esse pecado, eles decaíram da sua retidão original e da comunhão com Deus,^[3] e assim se tornaram mortos em pecado^[4] e inteiramente corrompidos em todas as faculdades e partes do corpo e da

55 O termo parasita indica a natureza do reino de Satanás. Ele não possui vida em si mesmo, mas subsiste a partir das coisas boas da criação.

56 HODGE, op. cit., p. 580.

alma.^[5] **Referências bíblicas:** ^[3]Gn 3.6-8; Rm 3.23; Gn 2.17; ^[4]Ef 2.1-3; Rm 5.12; ^[5]Gn 6.5; Jr 17.9; Tt 1.15; Rm 3.10-18.⁵⁷

No próximo capítulo, abordaremos outras consequências da Queda.

E DAÍ?

Olhando para o que nos cerca, constatamos que o Universo contém sofrimento. Deus e sua verdade são desconsiderados. E há desequilíbrio dentro de nós. Como diz Daniel Goleman, assistimos a “um arrepiante desenfreio de emoções em nossas próprias vidas e nas das pessoas que nos cercam. Ninguém está a salvo dessa errática maré de descontrole e de posterior arrependimento — ela invade nossas vidas de um jeito ou de outro”.⁵⁸ A origem de tudo isso pode ser conferida em um evento registrado nas primeiras páginas da Sagrada Escritura. Não há como negar que a Bíblia descreve bem a condição atual da realidade e do homem.

57 “CFW, VI.II”. In: BEHR, p. 1998.

58 GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Edição de 10º aniversário. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 22.

9. Nossa depravação

“**N**ão tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”.⁵⁹ Estas são as palavras finais do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Legado é algo que alguém deixa a outros por meio de testamento, exemplo, ensinamentos ou código genético. Sendo assim, existe o legado bom e o ruim.

Neste capítulo, olhamos para o “legado da nossa miséria”, aquilo que chegou de Adão até nós, em decorrência da Queda. O cristianismo reformado dá a este legado o título de **depravação total**.

9.1. Como nós fomos afetados pela desobediência de Adão

A Bíblia não apenas registra que Adão pecou. De um modo realista e perturbador, ela afirma que a transgressão de Adão nos afeta aqui e agora.

Paulo explica isso em sua carta aos Romanos. Ele não apenas fala de uma entrada do pecado e da morte, mas da transmissão desta morte, de “um só homem” (Adão) até “todos os homens” (nós):

Portanto, assim como por um só homem **entrou** o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte **passou** a todos os homens, porque todos pecaram (Rm 5.12).

Em outro lugar, ele diz que “a morte veio por um homem” (1Co 15.21) e conclui: “em Adão, todos morrem” (1Co 15.22).

De que modo nós somos afetados por Adão? O legado de Adão nos alcança por meio de representação, herança, imputação e atualização (figura 03).



Figura 03: Como o legado de Adão chega até nós.

59 MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril, 2010, p. 317.

Como cabeça da humanidade recém-criada, Adão nos representou. Em um sistema de governo federativo, a sociedade é conduzida por seus representantes. Além disso, a fim de estender sua influência além de suas fronteiras, uma nação nomeia embaixadores, cujas ações afetam os representados. Por causa da aplicação deste princípio de representatividade, a obra de Adão, realizada há milhares de anos, nos afeta hoje.

Como nosso primeiro pai, Adão nos deixou uma herança. Podemos dizer, então, que o que era dele passou a ser nosso.

Ademais, recebemos o que é de Adão por meio de imputação. Imputar significa responsabilizar ou atribuir algo a alguém. O vocábulo “imputação” é de uso contábil e significa, literalmente, colocar um crédito ou débito em uma conta. É nesse sentido que um autor fala da “imputação imediata do pecado de Adão à sua progênie”,⁶⁰ ou seja, aquilo que Adão fez foi colocado em nossa conta.

Por fim, atualizamos a transgressão de Adão quando nós mesmos desobedecemos a Deus. O pecado não é um mero tópico teórico para nós, e sim uma experiência pessoal.

Como está escrito: Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, **não há nem um sequer** (Rm 3.10-12).

Se dissermos que **não** temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós (1Jo 1.8).

Vejamos a extensão disso, na próxima seção.

9.2. A extensão do legado de Adão

Qual é o tamanho do estrago causado por Adão? De acordo com Hodge, “a partir da desobediência de Adão, a humanidade herdou a culpa, a perda de retidão e a corrupção de toda a natureza”.⁶¹ A CFW coloca a questão da seguinte forma:

Sendo eles [Adão e Eva] o tronco de toda a humanidade, o delito de seus pecados foi imputado a seus filhos;^[6] a mesma morte em pecado, bem como a sua natureza corrompida, foi transmitida a toda a sua posteridade, que deles procede por geração ordinária.^[7] **Referências bíblicas:** ^[6]At 17.26; Gn 2.17; Rm 5.12,15-19; 1Co 15.21-22,45,49; ^[7]Sl 51.5; Gn 5.3; Jo 3.6.⁶²

Esse estado de corrupção é denominado **pecado original**.⁶³ Turretini nos informa que o pecado original recebe esta designação “seja em razão de seu princípio (porque provém do pecado originário), seja em razão do modo de pro-

60 HODGE, op. cit., p. 1024.

61 Op. cit., p. 652.

62 “CFW, VI.III”. In: BEHR, p. 1998.

63 Cf. HODGE, op. cit., loc. cit.: “não é raro que por pecado original se entendam todas as consequências negativas e subjetivas de nosso primeiro pai”. De acordo com TURRETINI (op. cit., p. 781), a expressão “pecado original” foi usada pela primeira vez por Agostinho (século 5) em sua controvérsia contra os pelagianos.

pagação (porque é inerente a nós desde nossa origem), seja em razão de seus efeitos (porque é a origem dos pecados atuais)".⁶⁴ É por causa do pecado — o original, no singular — que cometemos pecados — atos pessoais de desobediência a Deus, no plural.

Em que medida nós devemos entender esta corrupção? Há opiniões diferentes sobre este assunto (tabela 01).⁶⁵

MODOS DIFERENTES DE COMPREENDER A EXTENSÃO DA QUEDA	
PONTOS DE VISTA DISCORDANTES DA BÍBLIA	
Nenhuma depravação	Depravação parcial
A raça humana não ficou prejudicada pela Queda de Adão. A fala sobre o pecado é irrelevante para a cultura atual.	<ol style="list-style-type: none"> Os males consequentes à Queda são apenas físicos. O pecado original é inteiramente negativo (ausência de retidão original). A Queda produz uma inclinação para o pecado, mas esta, em si mesma, não é necessariamente pecaminosa. A Queda produziu deterioração moral que desagrada a Deus, mas não impede o homem natural ao que é espiritualmente bom. A Queda afeta apenas as emoções, mas não a razão.
PONTO DE VISTA BÍBLICO	
Depravação total	
<ol style="list-style-type: none"> Toda a humanidade (descendente de Adão por geração ordinária) nasce destituída de retidão original e está sujeita a uma corrupção da natureza que é verdadeira e propriamente pecado. Essa corrupção afeta o homem em sua totalidade; não o corpo com a exclusão da alma; nem as faculdades inferiores com exclusão das superiores; e nem o coração com a exclusão dos poderes intelectuais. A corrupção decorrente da Queda é de tal natureza que, antes da regeneração, os homens estão “totalmente indispostos, incapazes e hostis a todo bem”. 	

Tabela 01: Diferentes modos de compreender a extensão da depravação.

Alguns sugerem que a raça humana não sofreu qualquer consequência da Queda. Como vimos na seção 8.2, esta posição não se harmoniza com o ensino da Bíblia. Para outros, o pecado de Adão abriu espaço para uma depravação parcial. Dizem que os danos causados são apenas físicos (imperfeições, doenças, envelhecimento e morte) ou que o pecado original implica somente em ausência de retidão original ou em uma propensão para o erro que não é, em si mesma, pecaminosa. Sugerem ainda que a Queda alterou a moralidade humana, mas este não morreu espiritualmente e, portanto, pode acessar as coisas

64 Op. cit., p. 781-782.

65 Aqui são listadas algumas opiniões daqueles que creem na historicidade da Queda. Os autores descartam qualquer leitura de Gênesis 1—3 como lenda, mito ou parábola teológica e sustentam que a Queda foi um evento histórico, ocorrido no tempo e no espaço. Esta tabela é uma adaptação de HODGE, op. cit., p. 655-656.

espirituais. Por fim, há quem defenda que, apesar das emoções humanas terem sido afetadas pela Queda, a razão humana permaneceu intocada.

Comparemos estas ideias com a Bíblia. Nós fomos afetados física, intelectual, moral e espiritualmente. Nós nascemos separados de Deus e corrompidos em nossa natureza. Fisicamente, nosso corpo se cansa, adocece, envelhece e morre. Intelectualmente, não conseguimos compreender as verdades espirituais.

Um estrago ocorreu em nossa vontade. Ainda possuímos **livre agência**,⁶⁶ que é a capacidade de tomar decisões, agir e assumir responsabilidade por elas. Mesmo uma pessoa não cristã pode fazer escolhas administrativas, ou seja, ela pode gerenciar suas finanças, escolher o imóvel ou a cor e modelo de um veículo e tomar decisões relativas à sua vida pessoal e profissional. Ela pode ainda ser recompensada por sua boa conduta ou castigada por transgredir os padrões morais de uma sociedade. No entanto, uma vez que ela é, por natureza, escrava do pecado e espiritualmente morta (cf. Ef 2.1-3, na seção 8.2), não possui mais o poder de escolher o bem relacionado à salvação.

Eu **nasci** na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe (Sl 51.5).

E o pó **volte** à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu (Ec 12.7).

Ora, o homem natural **não** aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhes são loucura; e **não pode** entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente (1Co 2.14).

Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, **é para os que se perdem que está encoberto**, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus (2Co 4.3-4).

Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é **escravo** do pecado (Jo 8.34).

Isso quer dizer que o homem não consegue empreender obras suficientemente boas, a fim de assegurar sua própria salvação. Para uma obra ser considerada boa diante de Deus, precisa atender a três condições: (1) proceder de um coração purificado pela fé; (2) conformar-se perfeitamente à lei de Deus e (3) ser realizada unicamente para a glória de Deus.

Primeira, da parte do princípio, que ela proceda de um coração purificado pela fé (At 15.9), porque tudo quanto não provém de fé é pecado (Rm 14.23) e traz desagrado a Deus (Hb 11.6); porque “todas as coisas são puras para os puros; todavia, para os impuros e descrentes, nada é

66 Eis uma descrição de livre agência: “o homem é um agente livre, com capacidade de autodeterminação racional. Ele pode refletir sobre uma inteligente escolha de certos fins, e também pode determinar sua ação com respeito a eles” (BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 4ª ed. reimp. 2015. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 100). Cf. NASCIMENTO, Misael Batista do. “Sobre a vontade livre”. In: *Somente pela graça*. Disponível em: <<https://www.misaelbn.com/sobre-a-vontade-livre/>>. Acesso em 06 out. 2020.

puro. Porque tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas” (Tt 1.15). Segunda, da parte da forma ou modo, que seja feita em conformidade com a lei de Deus, não apenas na obra externa, mas especialmente com a obediência interior do coração, o que a lei espiritual requer dos pecadores (Rm 7.14). Terceira, da parte do fim, que seja feita para a glória de Deus (1Co 10.31).⁶⁷

Por causa da depravação total, nosso desempenho sempre fica aquém das exigências do Deus perfeito. Diante do Senhor, que é santo, o melhor que fazemos neste mundo, é semelhante a um “pano sujo”.

Mas **todos** nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como **trapo da imundícia**; todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades, como um vento, nos arrebatam (Is 64.6).

As obras dos crentes só são aceitáveis a Deus, por causa da redenção assegurada por Jesus Cristo. Deus Pai se compraz em Deus Filho. Uma obra humana é tida como boa (agradável a Deus), quando feita “em Cristo”, coberta pela justiça imaculada de Deus Filho (cf. Mc 1.11; Ef 2.8-10; Tt 2.14).

Isso não significa que o ser humano seja inepto para realizar coisas boas e úteis neste mundo. Pela graça comum e para cumprimento dos mandatos social e cultural, mesmo uma pessoa não cristã pode viver de modo honesto e bom, expressando generosidade, empreendendo ações que adicionam beleza ou melhoram a vida natural. O ponto a destacar é que tais ações ainda não podem ser tidas como moeda de troca para salvação, pois tanto a essência, quanto a forma externa destas iniciativas, são maculadas pelo pecado original. Em sua providência, Deus outorga aos homens tanto o desejo, quanto a capacidade de fazer o bem (Fp 2.13).⁶⁸ Exatamente por isso, eles não podem considerar suas obras como meios de barganha para com Deus.

Portanto, tudo que têm e tudo que operam de si e para si e por Deus e para Deus; se tudo isso dessem inteiramente sem reserva por Deus e para Deus, por tudo isso, mesmo assim, Deus não lhes estaria obrigado a dar ou fazer absolutamente nada, a não ser que o quisesse fazer livre e gratuitamente. Pois o que eles são, o são através de Deus, e o que possuem, o têm de Deus e não de si mesmos [...], pois como diz o próprio Cristo: Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). De fato, são gente inteiramente insensata, os que querem negociar com nosso Senhor.⁶⁹

Dito de outro modo, o homem natural não possui qualquer merecimento de recompensa espiritual, por virtudes ou boas obras realizadas. Como afirmou Agostinho, “a virtude genuína não existe em ninguém que não seja justo; e ninguém é realmente justo que não viva pela fé”.⁷⁰

67 TURRETINI, op. cit., p. 846.

68 Sobre a doutrina bíblica da providência, cf. seções 12.2 e 12.3.

69 ECKHART, Meister. *Sermões alemães: Sermões 1 a 60*. Bragança Paulista; Petrópolis: Editora Universitária São Francisco; Vozes, 2006, v. 1, p. 40.

70 AGOSTINHO. *Against Julian 4.3*, apud TURRETINI, op. cit., p. 848.

Para completar, enquanto vivemos neste mundo, cometemos mais pecados, consciente e inconscientemente. Por isso, a Bíblia diz que somos naturalmente “filhos da ira” (Ef 2.3), ou seja, estamos debaixo da sentença punitiva do pacto das obras, naturalmente destinados ao castigo de Deus.

A **ira** de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça (Rm 1.18).

Ou não sabeis que os injustos **não** herdarão o reino de Deus? Não vos enganéis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus (1Co 6.9-10).

E, se alguém **não** foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo (Ap 20.15).

A gravidade da situação é resumida pela CFW:

Todo pecado, tanto o original como o atual, sendo transgressão da justa lei de Deus e contrário a ela, torna, pela sua própria natureza, culpado o pecador^[12] e, por essa culpa, ele está sujeito à ira de Deus^[13] e à maldição da lei;^[14] portanto, sujeito à morte^[15] com todas as misérias espirituais, temporais e eternas.^[16] **Referências bíblicas:** ^[12]1Jo 3.4; Rm 2.15; 3.9,19; ^[13]Ef 2.3; ^[14]Gl 3.10; ^[15]Rm 6.23; ^[16]Ef 4.18; Lm 3.39; Mt 25.41; 2Ts 1.9.⁷¹

Resumindo, mais do que doentes, somos indispostos a buscar a Deus ou qualquer benefício proveniente dele. Sendo assim, sem a intervenção e socorro de Deus, estamos absolutamente perdidos.

E DAÍ?

Sabe aquele lindo bebezinho? Por causa da Queda, até mesmo ele é configurado para pecar, o que pode ser confirmado pela disposição inata de desobedecer a seus pais. Todas as pessoas são assim.

Há uma relação entre a Queda de Adão e o nosso pecado. Herdamos um coração pecaminoso e as consequências da desobediência de Adão. Quando não compreendemos isso, lemos a realidade ingenuamente, nos achamos bons sem Deus e nos afastamos da esperança de salvação, revelada no evangelho de Jesus Cristo.

71 “CFW, VI.VI”. In: BEHR, p. 1998.

10. A luta cristã e o pacto da redenção

Nos filmes de terror, “maldição” é uma sentença proferida sobre alguém para trazer azar ou mal. Na Bíblia, estar sob maldição equivale a ter sobre si a sentença condenatória do tribunal de Deus. A Queda trouxe maldição primeiramente sobre a serpente, em seguida, sobre a terra. Por sua ocasião, Deus declarou guerra espiritual.

10.1. Deus declarou guerra!

A serpente de Gênesis 3 é Satanás, um anjo criado por Deus, decaído e expulso do céu. Ela se aproximou do homem a fim de obter apoio na rebelião contra o criador e como vimos, foi aparentemente bem-sucedida nisso. Não é sem razão que, após a Queda, Deus amaldiçoou a serpente:

Então, o SENHOR Deus disse à serpente: Visto que isso fizeste, **maldita és** entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos; rastejarás sobre o teu ventre e **comerás pó** todos os dias da tua vida (Gn 3.14).

O criador proferiu declarações militares. Primeiramente ele afirmou a derrota do Tentador, declarando que ele comeria “pó”. Em seguida, Deus declarou uma guerra contínua entre a serpente e a “mulher”. A “descendência” da serpente (termo plural, consignando tanto a serpente, quanto seus seguidores) lutaria contra o “descendente” da mulher (termo singular).

Porei **inimidade** entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a **cabeça**, e tu lhe ferirás o **calcanhar** (Gn 3.15).

Em outras palavras, a história humana é afetada por um embate espiritual que, por sua vez, desdobra um motim celestial. Deus declarou guerra na terra contra a mesma serpente a quem foi declarada guerra no céu.

Houve **peleja** no céu. **Miguel** e os seus anjos pelejaram contra o **dragão**. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. E foi **expulso** o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos (Ap 12.7-9).

10.2. Deus prometeu um Salvador

Gênesis 3.15 é chamado de **protoevangelho**. Uma vez que “proto” significa “primitivo” ou “primeiro” e “evangelho” quer dizer “boas notícias”, protoevangelho tem o sentido de primeiras boas novas: a serpente ferirá o “descendente da mulher” que, por sua vez, esmagará a cabeça da serpente. Satanás será vencido definitivamente. “Os cristãos veem nesta menção à descendência da mulher uma velada referência ao Messias na sua luta contra Satanás e na sua vitória final sobre as forças do mal”.⁷² Esta é a primeira referência da Bíblia à obra redentora de Jesus Cristo.

O Redentor foi ferido pela serpente na cruz. A morte de Jesus na cruz assegurou a redenção do homem. Na cruz em que foi morto, nosso Senhor triunfou sobre Satanás, expondo-o ao desprezo. Mesmo atacado pelo dragão, Jesus Cristo venceu para ser o rei das nações.

E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoadando todos os nossos delitos; tendo **cancelado o escrito de dívida**, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, **encravando-o na cruz**; e, despojando os principados e as potestades, publicamente **os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz** (Cl 2.13-15).

Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas. A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra; e o dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe **devorar** o filho quando nascesse. Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que **há de reger todas as nações** com cetro de ferro. E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono (Ap 12.3-5).

Jesus Cristo é o Filho de Deus que veio ao mundo para desfazer o que foi feito pelo primeiro Adão. Ele é o “descendente” da mulher que, no tempo devido, providenciou tudo para assegurar a continuidade do projeto divino da criação.

Vindo, porém, a **plenitude do tempo**, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos (Gl 4.4-5).

A promessa de Gênesis 3.15 aponta para outro pacto revelado na Bíblia.

10.3. Deus firmou o pacto da redenção

O protoevangelho deflui do **pacto da redenção**. A vinda deste “descendente” da mulher ecoa no restante da Bíblia. O Redentor seria dado para a salvação das “tribos de Jacó” e também dos “gentios”. Deus enviaria “seu Filho unigênito”

72 *BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005. Logos Software.

para assegurar nova vida. A morte de Cristo cumpriria um decreto; ele se entregaria voluntariamente para a realização do propósito de Deus Pai.

Sim, diz ele: Pouco é o seres meu **servo**, para restaurares as tribos de Jacó e tornares a trazer os remanescentes de Israel; também te dei como luz para os gentios, **para seres a minha salvação** até à extremidade da terra (Is 49.6).

Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus **enviado** o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele (1Jo 4.9).

Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. **Este mandato recebi de meu Pai** (Jo 10.17-18).

Para completar, Jesus receberia “grande recompensa quando a obra estivesse concluída”.⁷³

Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos. Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si. Por isso, eu lhe darei muitos como a **sua parte**, e com os poderosos repartirá ele o **despojo**, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu (Is 53.10-12).

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo **se esvaziou**, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também **Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome**, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2.5-11).

Foi no contexto deste pacto, que Cristo pediu ao Pai que o glorificasse, em razão de sua obediência ao Pai.

Eu te glorifiquei na terra, consumando **a obra que me confiaste para fazer**; e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo (Jo 17.4-5).

O derramamento do sangue de Cristo, ocorrido na História, nada mais é do que o cumprimento deste pacto, estabelecido na eternidade passada.

73 HODGE, op. cit., p. 752.

Ora, se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação, sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o **sangue de Cristo**, conhecido, com efeito, **antes da fundação do mundo**, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós (1Pe 1.17-20).

Trocando em miúdos, o pacto da redenção não é um acordo entre Deus e o homem pecador, mas “entre o Pai e o Filho em referência à salvação”.⁷⁴ Como sugere Turretini:

O pacto entre o Pai e o Filho contém a vontade do Pai outorgando seu Filho como um [...] Redentor e Cabeça de seu corpo místico, e a vontade do Filho oferecendo-se como fiador de seus membros para a concretização daquela redenção [...]. Pois assim as Escrituras nos representam o Pai na economia da salvação como a estipular a obediência de seu Filho até a morte, e por meio dela prometendo-lhe em troca um nome que está acima de todo nome para que ele fosse a cabeça dos eleitos em glória; o Filho oferecendo-se para fazer a vontade do Pai, prometendo uma realização fiel e constante do dever requerido dele e reestipulando o reino e a glória a ele prometidos.⁷⁵

Por fim, o pacto da redenção é o fundamento do **pacto da graça**, sobre o qual falaremos no próximo capítulo.

E DAÍ?

Se antes aprendemos que somos pecadores sujeitos ao juízo de Deus, agora vemos que há esperança para a culpa e consequências de nossos pecados, bem como para a devastação cósmica provocada pela Queda. Deus traz alento pelo pacto da redenção.

74 Ibid., p. 751.

75 TURRETINI, François. *Compêndio de teologia apologética*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011b, v. 2, p. 224.

11. O pacto da criação não foi anulado

Em muitas narrativas, há um vilão ou vilã, alguém ou grupo vulnerável e um protagonista (herói ou heroína). As coisas correm bem, até o mal aparecer e fazer um estrago. Espera-se que o herói, que é um tipo de redentor, derrote o agente do mal e assegure o retorno da paz. O evangelho é ilustrado por histórias que contêm essa tríade de Criação (estado perfeito), Queda (devastação) e Redenção (livramento e restabelecimento da harmonia).

11.1. Redenção graciosa que assegura a criação

O pacto da criação não é anulado pelo fracasso humano. Pelo contrário, o arranjo divino quanto à salvação, garante o cumprimento dos compromissos pactuais, do seguinte modo: Primeiro, Deus assegura o pacto da criação por meio do pacto da redenção. Em seguida, o pacto da redenção fomenta o **pacto da graça** (figura 04).

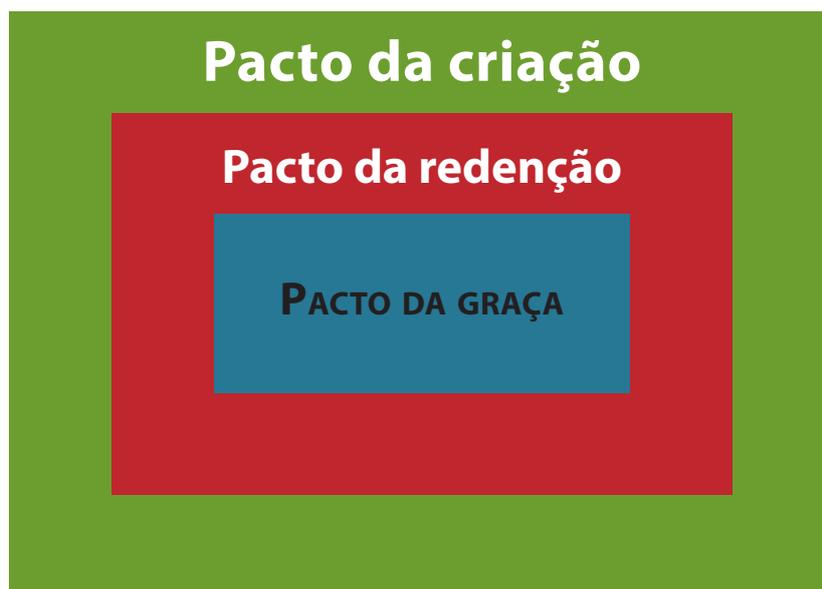


Figura 04: O pacto da criação é garantido pelo pacto da redenção.

O “pacto da graça é um pacto gratuito feito em Cristo entre o Deus ofendido e o homem ofensor”.⁷⁶ No pacto da redenção, as partes são Deus Pai e Deus Filho, no da graça, são “Deus e seu povo”.⁷⁷ Como nos informa Hodge:

De fato, há dois pactos relacionados com a salvação do homem apostado, um entre Deus e Cristo, e outro entre Deus e seu povo. Estes pactos diferem não só quanto às partes, mas também em suas promessas e condições. Ambos são apresentados de maneira tão clara na Bíblia que

76 TURRETINI, 2011b, p. 221.

77 HODGE, op. cit., p. 750.

não devem ser confundidos. O último, o pacto da graça, baseia-se no primeiro, o pacto da redenção. De um é Cristo mediador e oferenda; do outro, ele é uma das partes concordantes.⁷⁸

O próprio Senhor nos convida a desfrutar do pacto da graça, quando nos chama ao arrependimento e fé nele, como único Salvador. A salvação chega até nós mesmo sem merecermos, como dádiva de Deus.

Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; **arrependei-vos** e **crede** no evangelho (Mc 1.14-15).

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o **meu** jugo é suave, e o **meu** fardo é leve (Mt 11.28-30).

Em verdade, em verdade vos digo quem **ouve** a minha palavra e **crê** naquele que me enviou **tem a vida eterna**, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida. Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem **viverão** (Jo 5.24-25).

Ninguém pode vir a mim se **o Pai**, que me enviou, não o trouxer; e **eu** o ressuscitarei no último dia (Jo 6.44).

Porque pela **graça** sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é **dom** de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie (Ef 2.8-9).

O pacto da graça é destacado na Bíblia em seis estágios ou alianças, explicadas adiante.

11.2. Seis alianças vinculadas ao pacto da graça

A Escritura revela pelo menos seis alianças de maior extensão, todas elas ligadas ao pacto da graça (figura 05).⁷⁹ O primeiro estágio do pacto da graça é o protoevangelho — a aliança de Deus com Adão (Gn 3.15). Em termos gerais, Deus estabelece uma guerra ou antítese entre a descendência da serpente e o descendente da mulher, e prenuncia a vitória de Cristo sobre Satanás.

O segundo estágio é a aliança de Deus com Noé. O criador garante a manutenção de vida na terra e assegura as condições para a vinda do Redentor.

Disse também Deus a Noé e a seus filhos: Eis que estabeleço a minha **aliança** convosco, e com a vossa descendência, e com todos os seres vivos que estão convosco: tanto as aves, os animais domésticos e os animais selváticos que saíram da arca como todos os animais da terra.

78 Ibid., loc. cit.

79 Um apanhado útil da doutrina bíblica das alianças pode ser conferido na *BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA*. 2ª ed. revisada e ampliada (BEG²). São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 2009, no artigo teológico *A aliança das obras e a aliança da graça: O que é a teologia das alianças?*, p. 20-21, e no quadro temático *As principais alianças na Bíblia*, p. 27.

Estabeleço a minha aliança convosco: não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra (Gn 9.8-11).

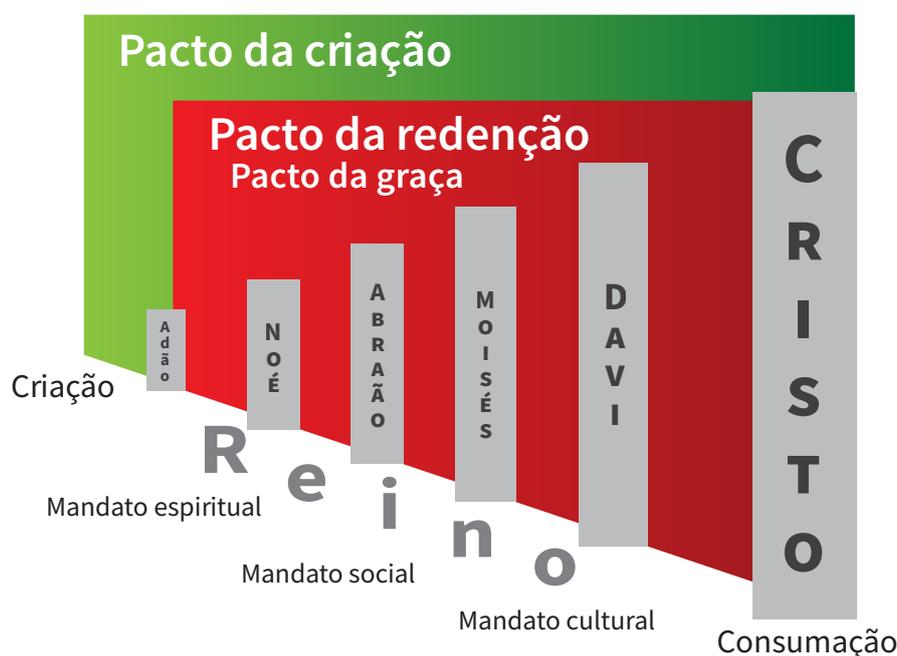


Figura 05: As alianças vinculadas ao pacto da graça.

O terceiro estágio do pacto da graça é a aliança de Deus com Abraão. Um episódio central desta aliança é registrado em Gênesis 12.

Ora, disse o SENHOR a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te **abençoarei**, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; **em ti serão benditas todas as famílias da terra** (Gn 12.1-3).

Esta promessa ecoa no restante do livro de Gênesis e em outras partes da Bíblia (cf. Gn 18.17-18; 22.18; 26.4; 27.29; Lc 1.55). O apóstolo Paulo sublinha uma parte da palavra divina a Abraão — “darei à tua descendência esta terra” (Gn 12.7) — afirmando que ela se cumpre em Cristo, e diz respeito a uma aliança que não pode ser anulada (Gl 3.16-17). Tal aliança é reafirmada em duas outras ocasiões, sendo que, em ambas, Deus renova promessas, assume o papel de garantidor único e define um sinal pactual visível (Gn 15.8-21; 17.1-8).

O quarto estágio é a aliança de Deus com Moisés, destacando especialmente o sacerdócio universal e santidade do povo redimido.⁸⁰

Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha **aliança**, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis **reino de sacerdo-**

80 De acordo com a BEG² (p. 20), a aliança mosaica foi estabelecida em Êxodo 19–24, e tinha por objetivo “conduzir Israel a bênçãos ainda maiores na Terra Prometida”.

tes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel (Êx 19.5–6).

O quinto estágio do pacto da graça — talvez o mais destacado em todo o restante da Escritura — é a aliança de Deus com Davi.

Quando teus dias se cumprirem e descansares com teus pais, então, farei levantar depois de ti o **teu descendente**, que procederá de ti, e estabelecerei o seu **reino**. Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho; se vier a transgredir, castigá-lo-ei com varas de homens e com açoites de filhos de homens. Mas a minha misericórdia se não apartará dele, como a retirei de Saul, a quem tirei de diante de ti. Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido **para sempre** (2Sm 7.12–16).

Deus vincula a obra do Messias ao reinado eterno. As expectativas referentes a este domínio reaparecem nos salmos, nos escritos dos profetas e no NT.

O fim do AT anuncia o sexto e último estágio do pacto da graça, a nova aliança em Cristo. Os incluídos nesta aliança são adotados por Deus, perdoados, purificados e santificados.

Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei **nova aliança** com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o SENHOR. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o **seu Deus**, e eles serão o **meu povo** (Jr 31.31-33).

Tomar-vos-ei de entre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra. Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos **purificarei**. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; **tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne**. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis. Habitareis na terra que eu dei a vossos pais; vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus (Ez 36.24–28).

Enquanto comiam, tomou Jesus um pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo. A seguir, tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o **sangue da [nova] aliança**, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados (Mt 26.26-29).

Cada uma dessas alianças apresenta alguma novidade e cumpre seu papel no enredo da salvação, fornecendo recursos divinos para o cumprimento

do pacto estabelecido desde a criação. A história caminha para a consumação, quando tudo será novamente sujeito a Deus.

Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que **Deus seja tudo em todos** (1Co 15.28).

O pecado anulou o pacto da criação? O erro de Adão desbaratou o plano de Deus? De maneira nenhuma. Deus não nos abandonou à nossa própria sorte. Por meio de Jesus Cristo, Deus providenciou o meio para a nossa salvação.

E DAÍ?

O final feliz da História é assegurado. Um Redentor íntegro e poderoso restabelece a nossa paz com Deus, garantindo a completação do reino divino no cosmos. As “redenções” contidas nas tradições orais, livros ou filmes, apontam para esta, providenciada pelo próprio criador. O nosso louvor deve ser tanto pela criação, quanto pela redenção em Cristo Jesus.

12. Por que Deus permitiu a Queda

Um pastor foi convidado para falar a uma classe de crianças da escola dominical. O ministro sentou-se descontraído, cumprimentou os alunos e disse que estes podiam fazer-lhe as perguntas que desejassem. Naquela manhã, ele pretendia resolver as dúvidas mais frequentes daqueles meninos e meninas.

Um primeiro bracinho se levantou e uma garota de olhar inteligente perguntou:

— Pastor, Deus sabe todas as coisas?

— É claro que sim — respondeu o pastor.

— Se Deus sabia que o homem ia pecar, por que ele permitiu o pecado?

O reverendo engoliu seco enquanto buscava uma resposta para a difícil indagação. 50 minutos com aquela turminha seria mais complicado do que ele imaginara.

12.1. Deus é onisciente e onipresente

Deus jamais é surpreendido por qualquer de suas criaturas. Ele é **onisciente**, ou seja, “conhece todas as coisas perfeita, indivisa, distinta e imutavelmente”.⁸¹

E respondeu-lhe: Senhor, tu **sabes** todas as coisas (Jo 21.17).

Deus é maior do que o nosso coração e **conhece** todas as coisas (1Jo 3.20).

O conhecimento de Deus desce a detalhes. Ele sabe quantos fios de cabelo existem em nossa cabeça e conhece nossos pensamentos e inclinações. De acordo com a Astronomia, o número de estrelas gira “em torno dos setilhões (o dígito 1 seguido de 24 zeros)”.⁸² Deus conhece tanto a quantidade exata, quanto o nome de cada uma delas.

E, quanto a vós outros, até os **cabelos** todos da cabeça estão **contados** (Mt 10.30).

SENHOR, tu me **sondas** e **me conheces**. Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos. Esquadri-nhas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos. Ainda a palavra me não chegou à língua, e tu, SENHOR, já a conheces toda (Sl 139.1-4).

81 TURRETINI, 2011, p. 281. Onisciência é o conhecimento divino ilimitado.

82 VEJA.COM. *Descoberta triplica o número de estrelas no universo*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/descoberta-triplica-o-numero-de-estrelas-no-universo>>. Acesso em: 27 jul. 2012. O universo é incrivelmente extenso. Para ter uma ideia de suas dimensões, cf. *THE SCALE OF THE UNIVERSE 2*. Disponível em: <<http://static.flabber.net/files/scale-of-the-universe-2.swf>>. Acesso em: 28 jul. 2012.

[...] Assim diz o SENHOR: Assim tendes dito, ó casa de Israel; porque, quanto às coisas que vos surgem à mente, **eu as conheço** (Ez 11.5).

Todo caminho do homem é reto aos seus próprios olhos, mas o SENHOR **sonda** os corações (Pv 21.2).

Conta o **número das estrelas**, chamando-as todas pelo seu **nome** (Sl 147.4).

Deus sabe de todas as coisas passadas, presentes e futuras. Por isso, só ele prediz com exatidão aquilo que ainda vai acontecer.

Lembrai-vos das coisas **passadas** da antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio **o que há de acontecer** e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam [...] (Is 46.9-10).

A onisciência divina é ligada à sua onipresença. Deus é **onipresente**, ou seja, “presente por toda parte e intimamente junto a todas as suas criaturas”.⁸³ Uma vez que ele está em todos os lugares simultaneamente, tudo ocorre *coram Deo*, diante de Deus.

Para **onde** me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, **lá estás**; se faço a minha cama no mais profundo abismo, **lá estás também**; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a tua mão, e a tua destra me susterá. Se eu digo: as trevas, com efeito, me encobrirão, e a luz ao redor de mim se fará noite, até as próprias trevas não te serão escuras: as trevas e a luz são a mesma coisa (Sl 139.7-12).

E **não** há criatura que não seja manifesta na **sua presença**; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas (Hb 4.13).

Uma vez que isto é assim, não apenas Deus criou o homem sabendo que este pecaria, mas cada detalhe da Criação e da Queda, se encaixa no plano divino perfeito.

12.2. Deus é soberano e onipotente

Deus é **soberano** — governa sobre tudo — e **onipotente** ou **todo-poderoso** — pode fazer o que quiser e for consistente com sua santidade e eternidade (ele não pode pecar, nem deixar de existir).

Nos céus, estabeleceu o SENHOR o seu trono, e o seu reino **domina sobre tudo**. Bendizeis ao SENHOR, todos os seus anjos, valorosos em poder, que executais as suas ordens e lhe **obedeceis** à palavra. Bendizeis ao SENHOR, todos os seus exércitos, vós, ministros seus, que **fazeis a sua vontade**. Bendizeis ao SENHOR, vós, todas as suas obras, em todos os lu-

83 TURRETINI, 2011, p. 285.

gares do seu **domínio**. Bendize, ó minha alma, ao SENHOR (Sl 103.19–22).

Quando atingiu Abrão a idade de noventa e nove anos, apareceu-lhe o SENHOR e disse-lhe: **Eu sou o Deus Todo-Poderoso** [...] (Gn 17.1).

Aleluia! Pois **reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso** (Ap 19.6)

O Senhor se relaciona com sua criação por meio de sua **providência**, que corresponde ao seu governo e sustentação de tudo o que existe. Como explica Turretini, a providência abarca três coisas:

O conhecimento da mente, o decreto da vontade e a administração eficaz das coisas decretadas; conhecimento que dirige, vontade que ordena e poder que cumpre, como o expressa Hugo de São Vitor. A primeira prevê, a segunda provê e a terceira executa ou realiza. Daí a providência pode ser vista no decreto antecedente ou na execução subsequente.⁸⁴

A providência divina nada mais é do que o criador administrando sua criação. Agostinho entendeu isso da seguinte forma:

O poder do Criador e a virtude do Onipotente e do Mantenedor é causa da subsistência de toda a criatura. [...] Pois ele não atua como o construtor de casas, que se ausenta depois de erguê-las e, cessando ele o trabalho e se ausentando, sua obra permanece. Por isso o mundo não poderia continuar [...] se Deus lhe retirasse o governo.⁸⁵

Tal compreensão combina com a Escritura, que declara que Deus preserva tudo o que há.

Só tu és SENHOR, tu fizeste o céu, o céu dos céus e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto há neles; e **tu os preservas a todos com vida**, e o exército dos céus te adora (Ne 9.6).

Tu visitas a terra e a regas; tu a enriqueces copiosamente; os ribeiros de Deus são abundantes de água; preparas o cereal, porque para isso a dispões, regando-lhe os sulcos, aplanando-lhe as leivas. Tu a amoleces com chuviscos e lhe abençoaas a produção. Coroas o ano da tua bondade; as tuas pegadas destilam fartura, destilam sobre as pastagens do deserto, e de júbilo se revestem os outeiros. Os campos cobrem-se de rebanhos, e os vales vestem-se de espigas; exultam de alegria e cantam (Sl 65.9–13).

Todos esperam de ti que lhes dês de comer a seu tempo. Se lhes dás, eles o recolhem; se abres a mão, eles se fartam de bens. Se ocultas o rosto, eles se perturbam; se lhes cortas a respiração, morrem e voltam

84 Ibid., p. 617..

85 AGOSTINHO. “Comentário literal ao Gênesis”, IV.XII.22. In: AGOSTINHO. *Comentário ao Gênesis*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 133-134 (Coleção Patrística; 21).

ao seu pó. Envias o teu Espírito, eles são criados, e, assim, renovas a face da terra (Sl 104.27–30).

Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, **vosso Pai celeste as sustenta**. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves? (Mt 6.26).

Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: **Se o Senhor quiser**, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo (Tg 4.13–15).

Quanto ao governo, Deus dirige cada evento, de modo que todas as coisas cooperam para o cumprimento de sua vontade. Isso se aplica aos mínimos detalhes da existência de cada indivíduo, grupo social, nação ou instância do Universo. Deus coordena tudo do modo que lhe agrada e nada pode detê-lo ou frustrá-lo.

Tudo quanto **aprouve** ao SENHOR, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos (Sl 135.6).

Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, **cada um deles escrito e determinado**, quando nem um deles havia ainda (Sl 139.16).

Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o **inclina** (Pv 21.1).

Lembrai-vos das coisas passadas da antiguidade: que **eu sou Deus**, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: **o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade**; que chamo a ave de rapina desde o Oriente e de uma terra longínqua, o homem do meu conselho. Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei (Is 46.9-11).

Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te **conheci**, e, antes que saíesses da madre, te **consagrei**, e te **constituí** profeta às nações (Jr 1.5).

Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, **segundo a sua vontade**, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes? (Dn 4.35).

Não se vendem dois pardais por um asse? E **nenhum** deles cairá em terra sem o **consentimento** de vosso Pai (Mt 10.29).

Sabemos que **todas** as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu **propósito** (Rm 8.28).

Por este encaminhamento providencial, cada pormenor da História contribui para a publicação da glória de Deus.

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque **dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas**. A ele, pois, a glória eternamente. Amém! (Rm 11.33–36).

Sendo assim, diante da questão “por que Deus fez isso?”, a melhor resposta é esta: “porque ele quis”. O Senhor é sábio e perfeito. Mesmo quando incompreensível, sua vontade é “boa, agradável e perfeita”. O exercício da fé salvadora demanda confiar nele, mesmo sem entender todos os detalhes ou motivos de suas deliberações.

Ora, disse o SENHOR a Abrão: **Sai da tua terra**, da tua parentela e da casa de teu pai e **vai para a terra que te mostrarei**; [...] 4 Partiu, pois, Abrão, como lho **ordenara** o SENHOR, e Ló foi com ele. Tinha Abrão setenta e cinco anos quando saiu de Harã (Gn 12.1,4).

O caminho de Deus é **perfeito**; a palavra do SENHOR é provada; ele é escudo para todos os que nele se refugiam (Sl 18.30).

Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim **são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos** (Is 55.8-9).

E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a **boa, agradável e perfeita vontade de Deus** (Rm 12.2).

Grandes e admiráveis são as tuas **obras**, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus **caminhos**, ó Rei das nações! (Ap 15.3).

Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no SENHOR, exulto no **Deus da minha salvação** (Hc 3.17–18).

Com relação a este ponto, eis o que diz Calvino:

Pois a vontade de Deus é a tal ponto a suprema regra de justiça, que tudo quanto queira, uma vez que o queira, tem de ser justo. Quando,

pois, se pergunta por que o Senhor agiu assim, há de responder-se: Porque quis. Porque, se prossigas além, indagando por que ele o quis, buscas algo maior e mais elevado que a vontade de Deus, o que não se pode achar.⁸⁶

A partir destas verdades sobre o ser divino e a providência, conclui-se que até mesmo a desobediência de Adão integra o propósito misterioso de Deus e foi ordenada para a glória do criador.

12.3. A providência de Deus e a livre agência dos anjos e homens

A providência não elimina a responsabilidade das criaturas morais. Anjos e homens são plenamente responsáveis por suas decisões e ações, ao mesmo tempo em que cada uma delas se encaixa no propósito divino.

Disse José a seus irmãos: Agora, chegai-vos a mim. E chegaram-se. Então, disse: **Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito.** Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; porque, para conservação da vida, **Deus me enviou** adiante de vós (Gn 45.4-5).

Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis; sendo este entregue pelo **determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes**, crucificando-o por mãos de iníquos (At 2.22-23).

Assim, pois, **cada um** de nós **dará contas de si** mesmo a Deus (Rm 14.12).

E a **anjos**, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem **guardado sob trevas**, em algemas eternas, para o **juízo do grande Dia** (Jd 6).

Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram **julgados, segundo as suas obras**, conforme o que se achava escrito nos livros (Ap 20.12).

Deus dirige todas as coisas permanecendo santo. Ele é soberano, sem contaminar-se com o mal.

Então, Jó se levantou, rasgou o seu manto, rapou a cabeça e lançou-se em terra e **adorou**; e disse: Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR! Em tudo isto **Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma** (Jó 1.20-22).

86 CALVINO, João. *As institutas: Edição clássica*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022, III.XXIII.2. Aqui Calvino se refere a AGOSTINHO. “Sobre o Gênesis contra os maniqueus”, I.II.4. In: AGOSTINHO, op. cit., p. 505.

E clamavam uns para os outros, dizendo: **Santo, santo, santo** é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória (Is 6.3).

Ninguém, ao ser tentado diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e **ele mesmo a ninguém tenta**. Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte (Tg 1.13-15).

De acordo com um estudioso, isso pode ser entendido como segue:

Por seu decreto, Deus tornou as ações pecaminosas do homem infalivelmente certas de acontecerem, sem decidir efetua-las agindo no homem “tanto o querer como o realizar”, quando o homem vai contra a sua vontade revelada. Deve-se observar cuidadosamente, porém, que este decreto permissivo não implica uma permissão passiva de algo que não está sob o controle da vontade divina. É um decreto que garante com absoluta certeza a realização do ato pecaminoso futuro, em que Deus determina (a) não impedir a autodeterminação pecaminosa da vontade finita; e (b) regular e controlar o resultado dessa autodeterminação pecaminosa.⁸⁷

Como afirma a CFW:

Pela sua mui sábia providência,^[1] segundo a sua infalível presciência^[2] e o livre e imutável conselho de sua própria vontade,^[3] Deus, o grande Criador de todas as coisas, para o louvor da glória de sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia,^[4] sustenta, dirige, dispõe e governa todas as suas criaturas, todas as ações delas e todas as coisas, desde a maior até a menor.^[5] **Referências bíblicas:**

^[1]Pv 15.3; 2Cr 16.9; Sl 145.14-16; ^[2]At 15.18; ^[3]Ef 1.11; Sl 33.10-11;

^[4]Ef 3.10; Rm 9.17; ^[5]Ne 9.6; Dn 4.34-35; Sl 135.6; Mt 10.29-31; Gn 45.5).⁸⁸

E ainda:

Nossos primeiros pais, seduzidos pela astúcia e tentação de Satanás, pecaram ao comer do fruto proibido.^[1] Segundo o seu sábio e santo conselho, Deus permitiu esse pecado deles, havendo determinado ordená-lo para a sua própria glória.^[2] **Referências bíblicas:** ^[1] Gn 3.13; 2Co 11.3; ^[2] Rm 11.32; Rm 5.20-21.⁸⁹

Por fim, nas palavras de Turretini, “não há, porém, coisa futura que Deus não tenha decretado, feito, se boa, ou permitido, se ruim; tampouco as pode ele pré-conhecer, a menos que as tenha decretado”.⁹⁰

87 BERKHOF, op. cit., p. 99.

88 “CFW, V.I”. In: BEHR, p. 1997.

89 Ibid., VI.I.

90 TURRETINI, 2011, p. 284.

E DAÍ?

Não sabemos cada detalhe dos decretos divinos, ao mesmo tempo em que afirmamos que Deus é bom e seu governo é justo. Para nosso próprio bem e a fim de que admitamos nossa dependência dele, Deus não nos deixa saber de tudo sobre seus planos. Nós podemos e devemos louvá-lo, por cuidar tão bem de nós.

13 Para lembrar da criação e Queda

Este capítulo revisa e organiza conteúdos dos capítulos anteriores. A Bíblia revela verdades importantes, sobre a criação e a Queda.

13.1. O ensino da Bíblia sobre a criação

“Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso, criador do céu e da terra”.⁹¹ Tudo o que existe de bom e belo provém dele.

O Universo foi criado perfeito. As coisas defeituosas ou más, bem como todo sofrimento, decorrem da rebeldia e desobediência do homem.

Deus se relaciona actualmente com sua criação e criou o homem “à sua imagem” e conforme a sua “semelhança”, conferindo-lhe a função de vice-gerente da criação. Isso distingue, valoriza e responsabiliza o ser humano. A relação que Deus estabeleceu com Adão permitiu que este desfrutasse de sua comunhão e bênçãos.

13.2. O ensino da Bíblia sobre a Queda

O homem usou de sua liberdade para pecar; preferiu ouvir as palavras da serpente do que obedecer a Deus. Ao fazer isso, ele “decaiu de seu estado original”. Por isso, tal evento é chamado de Queda. Este acontecimento afetou a ordem da criação, imbricando em disfunções e desastres naturais, doenças e morte. O Universo decaído tende ao caos.

O homem perdeu seu estado de inocência. Tornou-se depravado. Não apenas seu corpo, mas todas as suas capacidades foram danificadas. Agora ele não consegue entender as verdades espirituais, não é disposto para desejá-las ou recolhê-las. Como ser decaído, o homem não possui uma vontade livre. Ele ainda possui livre agência — é responsável e capaz de fazer escolhas morais e administrativas. No entanto, no que diz respeito à vida espiritual, ele não consegue arrepender-se, crer ou mesmo escolher a salvação, menos ainda satisfazer às exigências da justiça de Deus por meio de boas obras.

De fato, sem Deus o homem está perdido, separado de seu criador e sujeito ao justo julgamento divino por seus pecados. O homem precisa de salvação. Mais do que solução para seus problemas financeiros ou familiares, ou de cura para suas doenças físicas, ele necessita ser salvo da ira de Deus, que se derrama sobre ele por causa do seu estado pecaminoso. Ele tem de acertar o seu relacionamento com aquele que o criou.

Deus não abandonou o homem após a Queda. O criador declarou uma guerra entre a serpente e Cristo. A promessa da vitória do Redentor sobre a serpente, em Gênesis 3.15, decorre do pacto da redenção, e aponta para o pacto da graça. A salvação por meio de Jesus Cristo assegura a vigência dos mandatos da criação.

91 “*Credo apostólico*”. In: BEHR, p. 1935.

Tudo o que ocorreu demonstra não apenas um poder criador, mas também a onisciência, onipresença, soberania e onipotência de Deus na providência. Os eventos da História (passada, presente e futura) estão sob o seu absoluto e mui sábio controle.

13.3. Possíveis aplicações do ensino sobre a criação e a Queda

Uma vez que a Sagrada Escritura exige não apenas compreensão, mas também prática, sugerimos as seguintes aplicações destas verdades bíblicas.

Louvemos a Deus por todas estas coisas. Primeiro, por sua criação. Segundo, porque ele toma a iniciativa de revelar-se (deixar-se conhecer), a fim de que caminhemos com ele em aliança. Terceiro, porque ele não nos abandona esmagados sob o pecado; ele vence o diabo e oferece salvação por meio do Senhor Jesus Cristo. Quarto, porque ele cuida de nós com sua providência. Por tudo isso ele é digno de gratidão, honra e louvor.

Tratemos nosso próximo com consideração e respeito, pois ele foi criado à imagem e conforme a semelhança de Deus. Mudemos a maneira como enxergamos a nós mesmos, compreendendo que existimos porque somos necessários.⁹² Deus nos fez com dignidade e propósito.

Sejamos humildes. Supliquemos a Deus que ele nos regenere, para que desejemos buscá-lo e possamos responder a ele. Peçamos a Deus para nos iluminar, para que compreendamos o evangelho. Que ele nos conceda arrependimento, de modo que reconheçamos nossa cegueira, escravidão, absoluta incapacidade de obter méritos para a salvação, inclinação para o orgulho e rebeldia. Oremos para que ele nos dê fé em Cristo, como nosso único e suficiente Senhor e Salvador.

Por fim, dediquemos nossas vidas ao cumprimento de seus mandatos. Somos chamados à consagração de tudo o que somos e temos para a glória de nosso criador e supremo benfeitor.

Estes estudos explicam o primeiro ponto da doutrina da salvação. Deus criou tudo perfeito, mas o homem decaiu de seu estado de santidade e comunhão original. Este ponto é denominado depravação total. A partir desta base, estamos prontos para nos identificar com a oração de Turretini.

Que o Pai de misericórdias conceda que, reconhecendo seriamente nossa nulidade e inabilidade, aprendamos a depender inteiramente dele e atribuir à sua graça toda nossa salvação, dizendo como o salmista: “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade” (Sl 115.1). Amém.⁹³

A fé cristã fornece respostas para questões humanas urgentes e fundamentais, tais como a origem e propósito da existência, a constituição, sentido e ordem do Universo, as bases do trabalho, comunhão com Deus, família, sexualidade, sociedade, vida e morte. Destarte, leituras da realidade que descon-

92 De acordo com TURRETINI, 2011, p. 823, “tudo quanto existe, quando existe, necessariamente existe”.

93 Ibid., p. 848.

siderem a criação (com suas implicações culturais, espirituais e sociais) ficam aquém do ensino da Palavra de Deus e são, via de regra, reducionistas.

Tomemos cuidado com religiões que sugerem salvação baseada em justiça própria, tais como boas obras ou autossuficiência (a ideia do ser humano como “bom em si mesmo”, “divino” e que necessita apenas se esforçar para sua própria evolução espiritual). Ademais, são perigosas as expressões de religiosidade que estabelecem um guru, guia ou santo como mediador entre Deus e o crente. Para nossa salvação, confiemos apenas em Jesus Cristo, como único “Mediador entre Deus e os homens”, nos termos do evangelho (1Tm 2.5).

CONCLUINDO

No próximo volume da série A DOUTRINA DA SALVAÇÃO, aprenderemos sobre o modo como Deus nos escolhe para a salvação. Veremos ainda detalhes importantes da obra que Cristo realizou, a fim de garantir a nossa redenção.

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO. *Comentário ao Gênesis*. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Patrística; 21).
----- . *Confissões*. 20ª ed. reimp. 2008. São Paulo: Paulus, 1984.
- BARKER, Kenneth et al. (Org.). *Bíblia de estudo Nova Versão Internacional*. São Paulo: Vida, 2003.
- BEHE, Michael J. *A caixa preta de Darwin: O desafio da bioquímica à teoria da evolução*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2019.
- BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 4ª ed. reimp. 2015. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005. Logos Software.
- BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA*. 1ª ed. São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA*. 2ª ed. revisada e ampliada. São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BÍBLIA DE ESTUDO HERANÇA REFORMADA*. São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- CALVINO, João. *As institutas: Edição clássica*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022, v. 1.
----- . *As institutas: Edição clássica*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022, v. 2.
----- . *As institutas: Edição clássica*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022, v. 3.
- COLLINS, Francis et all. *Verdadeiros cientistas, fé verdadeira*. Viçosa: Editora Ultimato 2016.
- COLLINS, Francis. *A linguagem de Deus: Um cientista apresenta evidências de que ele existe*. São Paulo: Editora Gente, 2007.
- CORREA, Avelino A.; SCHNEIDERS, Amélia. *De mãos dadas: Ensino religioso: 7ª série*. São Paulo: Scipione, 2002.
- DARWIN, Charles. *Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural ou A preservação de raças favorecidas na luta pela vida*. São Paulo: Edipro, 2019. Edição do Kindle.
- EBERLIN, Marcos. *Fomos planejados: A maior descoberta científica de todos os tempos*. 4ª ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2018.
- ECKHART, Meister. *Sermões alemães: Sermões 1 a 60*. Bragança Paulista; Petrópolis: Editora Universitária São Francisco; Vozes, 2006, v. 1.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Edição de 10º aniversário. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- JOHNSON, Phillip Johnson. *Darwin no banco dos réus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- LENOX, John C. *Porque a ciência não consegue enterrar Deus*. São Paulo: Mundo Cristão; Editora Mackenzie, 2011.
- LEWIS, C. S. *O problema da dor*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021. Edição do Kindle.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril, 2010.

MORELAND, J. P. ; MEYER, Stephen; SHAW, Christopher; GRUDEM, Wayne. (Org.). *Evolução teísta: Uma crítica científica, filosófica e teológica*. São Paulo: Vida Nova, 2022.

NASCIMENTO, Misael Batista do; PORTO, Ivonete Silva. *O Deus dos pactos: A doutrina da Trindade*. São José do Rio Preto: Editor Misael Batista do Nascimento, 2022; ePub, Kindle e PDF. Disponível em: <<https://www.misaelbn.com/livros/>>.

NASCIMENTO, Misael Batista do. “Sobre a vontade livre”. In: *Somente pela graça*. Disponível em: <<https://www.misaelbn.com/sobre-a-vontade-livre/>>. Acesso em 06 out. 2020.

PALAVRANTIGA. *Esperar é caminhar*. Produção independente, 2010. 1 CD.

PEARCEY, Nancy R.; THAXTON, Charles B. *A alma da ciência*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

PEARCEY, Nancy. *Verdade absoluta: Libertando o cristianismo de seu cativo cultural*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.

----- . *Em busca da verdade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

ROBERTSON, O. Palmer. *O Cristo dos pactos*. 2ª ed. reimp. 2018. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

SCHAEFFER, Francis A. *Não há gente sem importância*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

THE SCALE OF THE UNIVERSE 2. Disponível em: <<http://static.flabber.net/files/scale-of-the-universe-2.swf>>. Acesso em: 28 jul. 2012.

THOMAS, Robert L. *New american standard hebrew-aramaic and greek dictionaries: Updated edition*. Anaheim: Foundation Publications, Inc., 1998. Logos Software.

TURRETINI, François. *Compêndio de teologia apologética*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 1.

----- . *Compêndio de teologia apologética*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 2.

VAN GRONINGEN, Gerard. *Criação e consumação*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, v. 1.

VEJA.COM. *Descoberta triplica o número de estrelas no universo*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/descoberta-triplica-o-numero-de-estrelas-no-universo>>. Acesso em: 27 jul. 2012.

VOS, Geerhardus. *Teologia bíblica: Antigo e novo Testamentos*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

YOUNGBLOOD, Ronald F. (Org.). *Dicionário ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

Tipologia Source Serif Variable e Source Sans Variable.